



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL**

**LUANA FERREIRA FREITAS**

**DAS PLURALIDADES AOS ESTIGMAS NO AMBIENTE ESCOLAR**

**BAGÉ-RS**  
**2017**

**LUANA FERREIRA FREITAS**

**DAS PLURALIDADES AOS ESTIGMAS NO AMBIENTE ESCOLAR**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Especialização em Educação e Diversidade Cultural da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação e Diversidade Cultural.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francéli Brizolla

**BAGÉ-RS  
2017**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

F866p Freitas, Luana Ferreira  
Das pluralidades aos estigmas no ambiente escolar  
/ Luana Ferreira Freitas.  
67 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Especialização)--  
Universidade Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM  
GESTÃO ESTRATÉGICA EM TURISMO, 207.  
"Orientação: Francéli Brizolla".

1. Aluno. 2. Contexto. 3. Escola. 4. Estigma. 5.  
Pluralidades. I. Título.

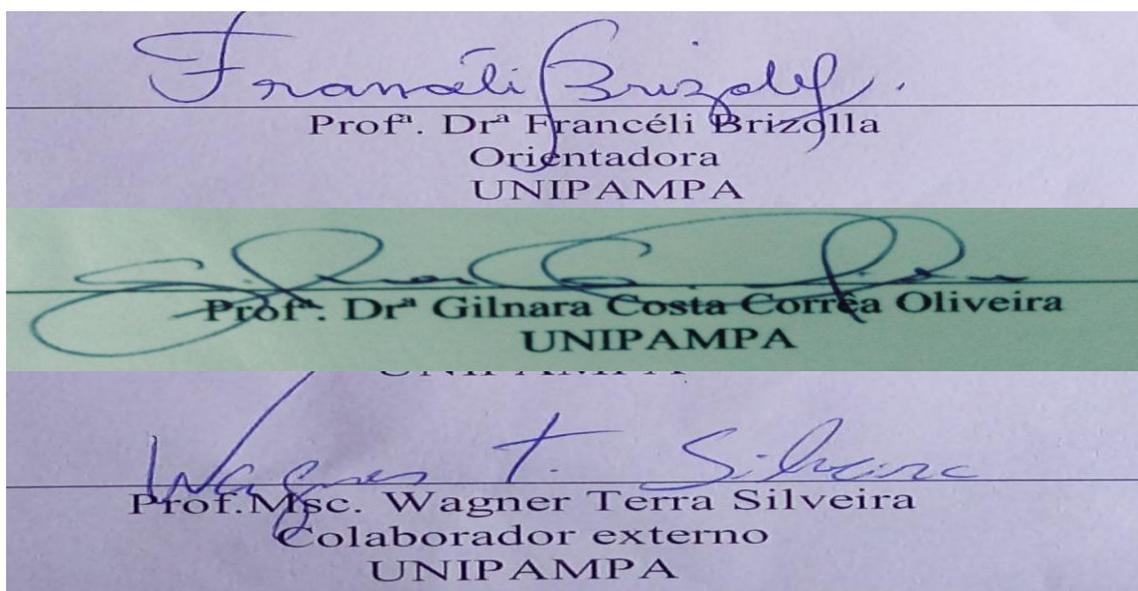
**LUANA FERREIRA FREITAS**

**DAS PLURALIDADES AOS ESTIGMAS NO AMBIENTE ESCOLAR**

Monografia de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Especialização em Educação e Diversidade Cultural da Universidade Federal do Pampa. Área de Concentração: Educação

Monografia de Conclusão de Curso defendida e aprovada em: 12/07/2017.

Banca examinadora:



## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus pela vida e por ter colocado inúmeras pessoas especiais no meu caminho durante toda a minha trajetória nesta terra.

A esta universidade por possibilitar a existência da especialização em Educação e Diversidade Cultural que é um divisor de águas para aqueles que passaram por esta experiência transformadora.

A minha orientadora Francéli Brizolla, pelo suporte, carinho, atenção e principalmente paciência despendidos comigo durante todo o processo de elaboração e escrita deste trabalho.

Aos demais docentes do curso que são pessoas iluminadas, de alma transformadora e nos contagiam com suas ideias e energia.

A coordenadora do curso Dulce Mari Voss, pelo entusiasmo, discussões, atenção e dedicação ofertada á todos os discentes.

Agradeço a minha mãe pelo amor e auxílio dedicados a mim e por jamais permitir que eu desista do que acredito.

E por fim, e não menos importante agradeço a todos os colegas pelas inúmeras trocas de conhecimento e vivências que partilhamos.

Em especial á Andressa Costa e Giuliana Bruni que contribuíram de forma singular para o meu processo criativo e foram mais que colegas, apresentaram-se como amigas fiéis e cúmplices para todos os momentos da vida.

## **RESUMO**

Esta pesquisa trata-se de um estudo de caso que objetiva; mapear as rupturas das relações interpessoais no ambiente escolar, identificar os tipos de relações sociais que se estabelecem na convivência escolar, verificar as manifestações de estigmatização na escola e evidenciar as principais características positivas e negativas do grupo escolar pela percepção dos alunos. O estudo foi realizado com uma turma de primeiro ano do ensino médio da escola Estadual Jerônimo Mércio da Silveira no município de Candiota-RS. O que motiva esta escrita é a possibilidade de verificar os diversos tipos de relações que se estabelecem entre diferentes culturas e expressões identitárias que transitam e se relacionam neste ambiente. Para responder aos objetivos desta escrita utilizou-se da análise de dados por triangulação de três instrumentos: observação e registro em diário de campo das atitudes e falas dos alunos durante todo o processo de coleta de dados, mas principalmente durante a tentativa de sensibilização dos integrantes do grupo na apresentação de documentários/vídeos, aplicação de questionário e dinâmica de grupo a técnica do espelho. O que percebemos durante este estudo é que os integrantes desta escola vivenciam diariamente o preconceito, o machismo e as estigmatizações o que desencadeia situações conflituosas, que causam sofrimento e desconforto em um local onde eles deveriam sentir-se seguros e amparados.

Palavras Chave: aluno, contexto escolar, estigma, pluralidade.

## **ABSTRACT**

] This research is a case study that aims; To map the ruptures of interpersonal relations in the school environment, to identify the types of social relations that are established in the school coexistence, to verify the manifestations of stigmatization in the school and to highlight the main positive and negative characteristics of the school group by the students' perception. The study was carried out with a first year high school class of Jerônimo Mércio da Silveira State School in the municipality of Candiota-RS. What motivates this writing is the possibility of verifying the different types of relationships that are established between different cultures and identity expressions that transit and relate in this environment. To answer the objectives of this writing We used data analysis by triangulation of three instruments: observation and recording in field diary of students' attitudes and speeches during the entire data collection process, but mainly during the attempt to raise awareness among group members in the presentation of documentaries / Videos, application of questionnaire and group dynamics the mirror technique. What we perceive during this study is that the members of this school experience daily prejudice, machismo and stigmatizations which triggers conflicting situations that cause suffering and discomfort in a place where they should feel safe and protected.

Key Words: Student, school context, stigma, plurality

## SUMÁRIO

<b>I INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>II REFERENCIAL TEÓRICO- CONCEITUAL DE PESQUISA</b> .....	10
2.1 Pluralidades Culturais.....	10
2.2 Das diferenças á construção dos estigmas no ambiente escolar.....	13
2.3 Grupos, funções sociais e processos de socialização.....	17
<b>III- REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO</b> .....	19
<b>3.1 Delimitação da Pesquisa: o Estudo de Caso</b> .....	19
3.1.1 O contexto e os sujeitos da pesquisa da pesquisa.....	20
3.1.2 Os instrumentos para a coleta de dados.....	22
3.1.3 A análise dos dados.....	23
<b>3.2 Desenvolvimento do Estudo de Caso</b> .....	24
3.2.1 Observação e registro em diário de campo.....	25
3.2.2 Aplicação de Questionários.....	27
3.2.3 Dinâmica de Grupo “Técnica do Espelho” e confecção de cartazes.....	28
<b>3.3 Análise dos dados: Relatório de Pesquisa</b> .....	30
3.3.1 Nomeação dos sujeitos via “apelidos”.....	30
3.3.2 Empatia.....	31
3.3.3 Igualdade e diferença pelo olhar do aluno quanto á relação com os professores...34	
3.3.4 Diferença/estigma.....	38
3.3.5 A melhores e piores impressões sobre o grupo pela percepção dos alunos.....	41
<b>IV CONSIDERAÇÕESFINAIS</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	45
<b>APÊNDICES</b> .....	48
<b>APÊNDICE (A)- Questionário de Pesquisa</b> .....	49
<b>APÊNDICE (B)- Termo de consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	50
<b>APÊNDICE(C)-Carta de Solicitação de Autorização para Realização de Pesquisa</b> .....	52
<b>APÊNDICE (D)- Termo de Autorização da Instituição</b> .....	53
<b>APÊNDICE (E)- Dinâmica do Espelho</b> .....	54
<b>ANEXOS</b> .....	56
<b>ANEXO (A)-Mensagens dos Alunos sobre as Atividades do dia da Pesquisa</b> .....	57
<b>ANEXO (B)-Mensagens dos Alunos sobre as Atividades do dia da Pesquisa</b> .....	58

<b>ANEXO (C)-Mensagens dos Alunos sobre as Atividades do dia da Pesquisa.....</b>	<b>59</b>
<b>ANEXO (D)-Mensagens dos Alunos sobre as Atividades do dia da Pesquisa.....</b>	<b>60</b>
<b>ANEXO (E)-Mensagens dos Alunos sobre as Atividades do dia da Pesquisa.....</b>	<b>61</b>
<b>ANEXO (F)-Mensagens dos Alunos sobre as Atividades do dia da Pesquisa.....</b>	<b>62</b>
<b>ANEXO (G)-Mensagens dos Alunos sobre as Atividades do dia da Pesquisa.....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXO (H)-Mensagens dos Alunos sobre as Atividades do dia da Pesquisa.....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXO (I)-Mensagens dos Alunos sobre as Atividades do dia da Pesquisa.....</b>	<b>65</b>

## I INTRODUÇÃO

Escolher uma temática de pesquisa é algo que provoca uma mistura de emoções no sujeito que se coloca neste papel de pesquisador porque é necessário realizar uma escolha e escolhas são difíceis de serem feitas. Optar por uma única temática frente a um universo infinito de possibilidades, significa deixar varias outras possibilidades para um depois, que talvez nem venha a se concretizar.

Porém também é sabido que um dos fatores primordiais e de grande importância para desenvolver um belo estudo chama-se motivação.

A motivação é algo que tem que partir de dentro dos sujeitos, escolher uma temática de pesquisa é emergir em um mundo que provoque certa curiosidade, incomodo e amor pelo que se deseja estudar. Como pessoa, sujeito cultural e social e psicóloga, algo sempre inquietou meus pensamentos e foi o que motivou a desenvolver esta escrita.

Vivemos em uma sociedade multicultural, formada por seres subjetivos e múltiplos com infinitas possibilidades. Porém nós seres humanos insistimos em pautar nossas vidas e a vida de quem nos cerca em divisões feitas através de marcadores culturais, etnicos, de gênero, de orientação sexual etc. Estigmatizamos pessoas pela cor da sua pele, pelo modo como se vestem, pela cultura a qual pertencem, pela condição socioeconômica, entre tantos outros marcadores sociais e culturais que transpassam e transitam pelas inúmeras “normas sociais”.

Criamos abismos entre nossos pares em nome da necessidade de enquadrar os sujeitos em categorias, e esquecemos que somos todos humanos e que indiferente de todas estas “caixas sociais” somos pessoas e como pessoas todos temos os mesmos direitos, sendo o principal deles: ser respeitados em nossas multiplicidades e pluralidades. Isto deveria ser o básico do “manual de convivência humana”, porém o que se vê diariamente nas mídias são inúmeros casos de desrespeito pela vida humana e intolerância pelo que é diferente.

Toda esta intolerância causa prejuízos devastadores á sociedade; os extremismos formam comportamentos agressivos de várias intensidades, desde casos de bullying na escola, até grandes guerras que matam milhares de pessoas como nos conta a história.

Por conta destas inquietações é que resolvi estudar sobre as pluralidades e os estigmas no ambiente escolar. Escolher a escola como campo de estudo não foi ao acaso, foi uma escolha baseada na concepção de uma vida. Esta escolha foi feita porque este é um local familiar. Como pessoa, percorri este ambiente por muitos anos, primeiro como aluna, depois como profissional de psicologia que atuava em um projeto social que trabalhava com alunos de escolas. Isto me trouxe familiaridade como o ambiente escolar e fui e ainda estou aos poucos construindo conhecimentos empíricos e científicos das relações que se estabelecem neste contexto. A diversidade de identidades que transitam por este local importantíssimo para o desenvolvimento humano, “salta aos olhos” de quem convive nos corredores e salas de aula de uma escola, seja ela qual for.

O objetivo geral deste estudo é, portanto mapear as relações sociais que se estabelecem no ambiente escolar. Os objetivos específicos são: identificar os tipos de relações humanas que se estabelecem na convivência escolar; verificar as manifestações de estigmatização na escola; e evidenciar as principais características positivas e negativas do grupo pela percepção dos alunos.

Diante da vasta diversidade de sujeitos que compõem a sociedade, questionar e estudar as relações interpessoais nunca será demais, muito pelo contrario talvez nunca seja suficiente. Como seres de identidades fluidas experimentar o novo, o belo e o estranho é parte do compromisso com a vida.

Para diminuir os abismos sociais e culturais é necessário debater sobre os marcadores que por muitas vezes seguimos quase que em modo automático, projetando em nós mesmos e nos outros, expectativas de normalidades inexistentes. Pois, afinal, o que é ser normal? Quem de nós é normal? É ser normal, é norma ou é normalidade?

Com vistas aos objetivos pretendidos, esta pesquisa foi desenvolvida através de um estudo de caso realizado com uma turma de primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Jerônimo Mércio da Silveira no município de Candiota-RS.

Optar pela escola Jerônimo como campo de estudo é a forma que encontrei de realizar um resgate de memória. Fui aluna desta escola, cursei todo o período de ensino médio entre os anos de 2003 á 2006, como aluna pratiquei o bullying com alguns colegas e hoje percebo o quanto posso ter magoado algumas pessoas de forma gratuita.

Enquanto estudante também notava que os professores não tratavam todos os alunos de forma igualitária e que as exclusões ocorriam principalmente com os indivíduos que eram moradores da zona rural do município. Para além dos objetivos

desta pesquisa o que se procura evidenciar aqui é se esta escola segue ou não permitindo que ocorra dentro dos seus domínios o preconceito e a segregação.

A escrita desta monografia apresenta um referencial teórico que traz autores que estudam as pluralidades culturais, as diferenças e a construção dos estigmas na escola, as formações dos grupos, suas funções sociais e o processos de socialização. Após segue o referencial metodológico com a delimitação da pesquisa em estudo de caso, a descrição do contexto e dos sujeitos participantes do estudo, os instrumentos utilizados para a coleta de dados e a metodologia empregada para análise. Na sequência é apresentado o desenvolvimento do estudo de caso com os protocolos utilizados na coleta dos dados e as categorias provenientes da análise das atividades e as considerações finais.

## **II REFERENCIAL TEÓRICO- CONCEITUAL DE PESQUISA**

### **2.1 Pluralidades culturais**

Ao longo do desenvolvimento da humanidade um modelo homogêneo cultural pseudo construído foi estabelecendo-se por diversos grupos étnico-culturais, e, sendo que a heterogeneidade tem-se constituído na marca predominante da sociedade contemporânea.

Levantando o olhar para esta face da sociedade percebemos que uma das maiores dificuldades encontradas na contemporaneidade esta intrinsecamente ligada ao impedimento de conviver pacificamente com as diferenças que se apresentam nas subjetividades. Tudo aquilo que se apresenta diferente é associado á inferioridade e a desigualdade, e o “outro” - que é diferente porque é diverso e plural - torna-se inferior e passa a representar uma ameaça aos padrões e as normas de ser e de viver.

Tais padrões, assentados nas culturas ocidentais brancas, letradas, masculinas, heterossexuais e cristãs, estão arraigados no imaginário social e naturalizados cotidianamente nos diversos espaços de convivência humana, afetando tanto os chamados grupos minoritários quanto os pertencentes às esferas hegemônicas. Ademais, são padrões culturais definidos arbitrariamente e impostos de modo sutil ou arrogante e hostil, peculiar das culturas e identidades autoproclamadas “superiores” (SILVA; BRANDIM, 2008).

Muitas vezes, torna-se difícil, definir quem é quem neste jogo das diferenças proclamadas por discursos autodeterminados, entre dominantes e dominados, pois não são raras as ocasiões que aquele que é alvo de algum tipo de discriminação também

devolve estes atos de intolerância a outros. Um exemplo disto é o caso de um sujeito negro que é discriminado por outro branco, mas, maltrata a mulher em casa; ou um praticante do candomblé que é alvo de preconceito dos católicos, porém, combate com veemência os evangélicos etc.

Ao que parece todas estas atitudes que fomentam atos e verbalizações de agressão que estão devastando aos poucos os setores da sociedade, são determinadas pelo narcisismo excessivo e intolerância ao outro. Enquanto sujeitos fruto de modelos pré estabelecidos culturalmente temos dificuldades de nos libertar das amarras dos enquadres sociais que compartilhamos. A convivência pacífica exige compreensão e respeito a todos os povos, religiões, orientações entre outros, temos que aprender a tratar o diverso, o plural como sendo algo inerente e comum a todo o ser humano.

Não é difícil perceber que estamos caminhando a passos lentos para acolher a diversidade cultural e que em contraponto assimilamos práticas preconceituosas, estereotipadas, xenofóbicas com uma rapidez que assusta, não só pela velocidade que se prolifera, mas também pela naturalização das projeções destes conceitos.

Apesar de todas as conquistas alcançadas por todos os países do mundo ocidental incluindo o Brasil, a diversidade ainda é discutida e tratada de forma tímida e “cheia de dedos” na maioria das instituições formadoras (incluindo as escolas e universidades) que deveriam desenvolver a educação multicultural capaz de ensinar e aprender a lidar com práticas discriminatórias.

A Constituição da República Federativa do Brasil promulgada em 1988, pela primeira vez na história, inicia a explicitação dos fundamentos do Estado brasileiro elencando os direitos civis, políticos e sociais dos cidadãos. Também coloca claramente que os três poderes constituídos, o Poder Executivo, o Poder Legislativo e o Poder Judiciário, são meios — e não fins — que existem para garantir os direitos sociais e individuais.

Os fundamentos do Estado Democrático de Direito são: a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, o pluralismo político (artigo 1º da Constituição Federal). Constituem objetivos fundamentais da República: construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento nacional; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (artigo 3º da Constituição Federal).

Estes fundamentos e princípios que estão em vigência desde o ano de 1988 estão longe de serem expressões da realidade que se vive, correspondem muito mais a metas e grandes objetivos a serem alcançados tanto nas esferas políticas, quanto sociais e culturais de nossa sociedade. A sociedade de direitos aplicasse de maneira diferente á integrantes de uma mesma sociedade. As pluralidades não são contempladas de forma igualitária na prática, mesmo que estejam nos anais na constituição federal.

O Brasil por já ter sido uma sociedade escravocrata carrega uma marca autoritária e um longo histórico de ralações políticas pautadas no paternalismo e no clientelismo de governos não democratas. A herança deste governo ultrapassado ainda perdura até os dias atuais, a política brasileira segue modelos turvos, encobertos pelo egoísmo, o que causa grande sofrimento a uma parte significativa da sociedade.

Diversos grupos de diferentes representações sociais tais como negros, indígenas, homossexuais etc travam lutas vorazes na busca pelo direito de exercer a cidadania e serem respeitados. A dita sociedade democrática de direitos, que esta nos pressupostos da Constituição Federal que partilhamos é em grande parte um ato teatral de ilusionismo, milhares de brasileiros convivem as margens da sociedade, excluídos vivendo em situação de miséria sem acesso a educação, ao saneamento básico e a saúde e sendo assim não partilham dos mesmos direitos que outros que vivem melhores condições socioeconômicas e sociais.

No âmbito da educação, os parâmetros Curriculares Nacionais, ao propor uma educação comprometida com a cidadania, elegeram, baseados no texto constitucional, princípios segundo os quais orientar a educação escolar:

- Dignidade da pessoa humana

Implica em respeito aos direitos humanos, repúdio à discriminação de qualquer tipo, acesso a condições de vida digna, respeito mútuo nas relações interpessoais, públicas e privadas.

- Igualdade de direitos

Refere-se à necessidade de garantir a todos a mesma dignidade e possibilidade de exercício de cidadania. Para tanto há que se considerar o princípio da equidade, isto é, que existem diferenças (étnicas, culturais, regionais, de gênero, etárias, religiosas etc.) e desigualdades (socioeconômicas) que necessitam ser levadas em conta para que a igualdade seja efetivamente alcançada.

- Participação

Como princípio democrático, traz a noção de cidadania ativa, isto é, da complementaridade entre a representação política tradicional e a participação popular no espaço público, compreendendo que não se trata de uma sociedade homogênea e sim marcada por diferenças de classe, étnicas, religiosas etc. É, nesse sentido, responsabilidade de todos a construção e a ampliação da democracia no Brasil.

- Co-responsabilidade pela vida social

Implica em partilhar com os poderes públicos e diferentes grupos sociais, organizados ou não, a responsabilidade pelos destinos da vida coletiva.

Como podemos perceber no texto acima as questões que tratam diversidade, o plural, as subjetividades e as diferenças que norteiam os parâmetros curriculares da educação estão contempladas na teoria, na escrita, porém também é sabido das dificuldades que transitam nos contextos escolares entre elas: administrar e trabalhar o número extensivo de subjetividades que compõem este espaço.

Os educadores da atualidade devem ser além de sujeitos detentores e conhecedores de saberes específicos, serem pessoas comprometidas com a educação, pessoas que buscam ações e práticas pedagógicas inovadoras que deem conta do mundo globalizado, conectado e fugaz que vivenciamos.

Segundo Bauman (1999) o significado mais profundo transmitido pela idéia da globalização é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais.

Para Corazza (2009) o mundo foi globalizado e a crueldade mundializada. Entramos em um novo século e milênio, experimentamos sucessos e muitos fracassos; mudaram as condições sociais, os espaços, relações, identidades, racionalidades, culturas. Ainda para esta autora, os educadores educam em tempos pós-modernos e ela denomina este período de tempo de Desafio da Diferença Pura:

Desafio da Diferença Pura porque suas concepções e práticas atestam a existência dos diferentes, que povoam nossas casas e ruas, escolas e salas de aula, dias e noites. Diferentes, que são os homossexuais, negros, índios, pobres, mulheres, loucos, doentes, deficientes, prostitutas, marginais, aidéticos, migrantes, colonos, criminosos, infantis-adultos, todos os que foram denominados minorias, isto, todos os Sem...; os quais, por tanto tempo, ficaram borrados e excluídos, calados e subordinados, dominados e pisoteados pela lógica da Identidade-Diferença, mas que, hoje, por força de suas próprias lutas, são diferentes em si-mesmos, essencialmente-outros, não-identicos, outros-diversos, puros em si mesmos, não aceitando mais serem vistos como vítimas ou culpados, fontes do mal, ou desvios a serem tolerados; e para que nunca mais suas diferenças sejam governadas, traduzidas, calibradas, reparadas ou integradas ao velho Princípio da Identidade Universal (CORAZZA, 2009. p. 9-18. 07).

## **2.2 Das diferenças á construção dos estigmas no ambiente escolar**

O ambiente escolar é um meio diverso e povoado por diferenças e por ter estas características é um contexto propício á praticas de preconceito, estigmatização e exclusão. Mas a escola não é só isso, a escola também pode ser um lugar agradável, amigável, acolhedor e que propicia muitos aprendizados e construções tanto na esfera intelectual quanto social e cultural.

A escola tem papel fundamental no processo de desenvolvimento humano, social e cultural. Alguns autores como Habermas (1983) dizem que a formação das identidades depende dos processos de socialização e de ensino e aprendizagem que ocorrem de acordo com as características físicas, cognitivas, afetivas, sexuais, culturais e étnicas dos envolvidos nos processos educativos.

Ainda em Habermas (1983) o desenvolvimento da identidade do ser humano pode ser analisado como um processo de aprendizagem: a) Lingüística: para a comunicação; b) Cognitiva: para a busca dos conhecimentos necessários para a vida em sociedade; c) Interativa: para a ação e a interação com o outro.

De uma perspectiva geral, todos os processos educativos devem levar ao desenvolvimento desses três conjuntos de competências.

A educação é também um processo social do qual participamos enquanto realizamos uma opção entre diferentes valores e objetivos a serem alcançados.

A escola é um espaço público para a convivência fora da vida privada, íntima, familiar. Ao nos capacitarmos para a convivência participativa na escola, participamos de um processo de aprendizagem que também nos ensina como participar do restante da vida social. A escola sendo um ambiente democrático pode possibilitar a pais, alunos, educadores e a toda uma sociedade uma gama de conhecimentos que pode auxiliar na resolução das desigualdades sociais. Para que haja democracia no contexto escolar é necessário que se tenha respeito ás diferenças. Uma escola que respeita a diferença é uma escola pluralista que ensina a viver em uma sociedade que também é heterogênea.

Para isso a escola deve ser um ambiente que promova a verbalização de vários discursos de todos os sujeitos que interagem neste espaço. Não monopolizar e nem disseminar apenas os discursos hegemônicos daqueles que ocupam os papeis de protagonismo. Precisamos dar voz a todos os sujeitos e aprender a dialogar com as diferenças para a construção de uma sociedade mais acolhedora e frutífera.

Ao tratar o diverso na escola temos que nos atentar ao fato de que sendo humanos precisamos de reconhecimento. Ter o reconhecimento dos outros é algo necessário já que o ser humano é um ser que só existe através da vida social.

Para interpretarmos quem somos como coletividade, ou quem sou como indivíduo, dependemos do reconhecimento que nos é dado pelos outros. “Ninguém pode edificar a sua própria identidade independentemente das identificações que os outros fazem dele”. Habermas (1983: 22).

Como também nos ensina Charles Taylor (1994: 58), “um indivíduo ou um grupo de pessoas podem sofrer um verdadeiro dano, uma autêntica deformação se a gente ou a sociedade que os rodeiam lhes mostram como reflexo, uma imagem limitada, degradante, depreciada sobre ele.”

Ações de intolerância e julgamento impróprio para com outros pode causar danos psicológicos graves e levar até á fatos extremos como o suicídio. Tratar de temáticas transversais na escola é muito mais do que debater timidamente as diferença é abrir um espaço para a representação das inúmeras possibilidades e identidades que partilhamos, é combater a discriminação e a exclusão no ambiente escolar. Mas para que o reconhecimento seja igualitário a todos temos que questionar não só as pedagogias que transitam nas escolas e sim toda a esfera social desde o micro sistema até o macro: as políticas públicas, os enquadramentos sociais viciosos e tendenciosos de oprimidos e opressores, hierarquização dos indivíduos diferentes entre superiores e dominantes e em inferiores e subalternos etc.

Em outras palavras, ao considerarmos que os seres humanos dependem do reconhecimento que lhes é dado, estamos reconhecendo que a identidade do ser humano não é inata ou pré-determinada, e isso nos torna mais críticos e reflexivos sobre a maneira como estamos contribuindo para a formação das identidades dos nossos alunos.

Como ainda nos ensina Taylor (1994: 58), “a projeção sobre o outro de uma imagem inferior ou humilhante pode deformar e oprimir até o ponto em que essa imagem seja internalizada”. E não “dar um reconhecimento igualitário a alguém pode ser uma forma de opressão”.

Esta opressão muitas vezes parte de sujeitos que vivenciam isto em suas casas, sujeitos que herdaram de seus pais e de seus pares mais próximos, modelos de estereótipos e preconceitos que se proliferam de forma cultural fabricando pensamentos e ações estigmatizadoras sobre o que lhes parece diferente.

Estigma é um termo presente na sociedade desde a Grécia Antiga, porém, é a partir da década de 60 do século XX, com Goffman, que lhe foi atribuído conceitos que tomam a sociedade como participante do seu processo de formação. *Estigmas: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (1975), do referido autor, é o fundamento e o estímulo de diversos outros trabalhos na intenção de conceituar e refletir estigmas. Desde a publicação de Goffman muitas pesquisas têm sido realizadas em grande profusão, conduzindo elaborações, refinamentos conceituais e repetidas demonstrações do impacto negativo do estigma sobre a vida de pessoas estigmatizadas (LINK; PHELAN, 2001).

Segundo Goffman, o termo estigma foi criado pelos gregos e inicialmente se referia a:

Sinais corpóreos com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor: uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que deveria ser evitada, especialmente em lugares públicos. (1988, p. 11).

Na contemporaneidade, Goffman (1988) ratifica que o conceito é aplicado a todos os casos em que uma característica observável é salientada e interpretada como “um sinal visível de uma falha oculta, iniquidade ou torpeza moral proporcionando ao indivíduo um sinal de aflição ou um motivo de vergonha” (p. 12-13).

Podemos descrever através desta definição que a pessoa estigmatizada é um indivíduo em sofrimento, culpabilizado pela sociedade por não pertencer aos padrões de normalidade impostos pela cultura enraizada de determinados povos de uma localidade ou grupo social.

Quando nos referimos à normalidade imposta, estamos descrevendo indivíduos que aparentemente e socialmente não apresentam diferenças, que são aceitáveis para determinados grupos e ambientes, indivíduos que compõem uma sociedade criada e vivenciada culturalmente pela prática hegemônica. A prática hegemônica é o que é comum aos “olhos” de todos, que não causa estranheza e nem desconforto aos demais que transitam nestes ambientes.

Em contra partida aos termos de normalidade existe também o conceito de anormalidade que por dedução são os eixos que conduzem aos processos de exclusão e estigmatização dos indivíduos que vivem em sociedade.

Se o conceito de anormal que trata daquele que se desvia de normas e estas são constantemente variáveis, trata igualmente daquele ou daquela que gera surpresa ou

inquietação. Seria o que se comporta diferente, o que mora de maneira diferente, o que come de maneira diferente, o que vive de maneira diferente, o que possui hábitos e costumes diferentes (VEIGA-NETO, 2001).

### **2.3 Grupos, funções sociais e processos de socialização**

Cada indivíduo, ao nascer, segundo Strey (2002, p. 59), “encontra-se num sistema social criado através de gerações já existentes e que é assimilado por meio de inter-relações sociais”. O homem, desde seus primórdios, é considerado um ser de relações sociais, que incorpora normas, valores vigentes na família, em seus pares, na sociedade. Assim, a formação da personalidade do ser humano é decorrente, segundo Savoia (1989, p. 54), “de um processo de socialização, no qual intervêm fatores inatos e adquiridos”. Entende-se, por fatores inatos, aquilo que herdamos geneticamente dos nossos familiares, e os fatores adquiridos provém da natureza social e cultural.

Ao nascer, já temos alguns papéis prescritos como idade, sexo ou posição familiar. À medida que adquirimos novas experiências, ampliando nossas relações, vamos nos transformando, adquirindo outros papéis que são definidos pela sociedade e cultura (SAVOIA, 1989). Em cada grupo no qual relacionamos, deparamo-nos com normas que conduzem as relações entre as pessoas, algumas são mais sutis, outras mais rígidas. São essas normas que caracterizam essencialmente os papéis sociais e que produzem as relações sociais (LANE, 2006).

A escola é um dos primeiros e mais importantes locais de socialização depois da família. É na escola que o espectro das relações se expande. O contato com a pluralidade permite aos sujeitos experienciar e visualizar outros modelos de comportamentos. Desencadeando assim a possibilidade de autonomia através da linguagem, quanto as suas escolhas, comportamento e posicionamento social no grupo.

A partir do momento em que faz uso da linguagem, o indivíduo se encontra em um processo cultural, que, por meio de símbolos, reproduz o contexto cultural que vivencia. Strey (2002) aponta que o indivíduo tanto cria como mantém a sua cultura presente na sociedade. Cada sociedade humana tem a sua própria cultura, característica expressa e identificada pelo comportamento do indivíduo.

Segundo Strey (2002, p. 58), “o homem é também um animal, mas um animal que difere dos outros por ser cultural”. Para ele, a cultura refere-se ao conjunto de

hábitos, regras sociais, intuições, tipos de relacionamento interpessoal de um determinado grupo, aprendidos no contexto das atividades grupais.

Cultura não pode ser definida como algo isolado, pois, é nos ambientes sociais que ela se manifesta e exerce poder transformador nos indivíduos que a partilham.

Os integrantes dos grupos sociais ao tempo que são influenciados pela cultura previamente existente, também possuem o poder de quebrar regras e transformar estes ambientes a partir de novas interpretações criativas individuais ou coletivas.

Assim, Savoia (1989, p. 55) garante que “o processo de socialização consiste em uma aprendizagem social, através da qual aprendemos comportamentos sociais considerados adequados ou não e que motivam os membros da própria sociedade a nos elogiar ou a nos punir”.

As instituições como a escola, seguem parâmetros e regras que influenciam na composição dos grupos e do desenvolvimento psicológico das pessoas.

Segundo Ramos (2003, p. 265), “as culturas penetram o indivíduo [...] da mesma forma que as instituições sociais determinam estruturas psicológicas [...] o homem pensa e age dentro do seu ciclo de cultura”.

Entende-se que os papéis que adquirimos nas nossas experiências e relações vão designar parâmetros de comportamento que caracterizam nosso lugar na sociedade. Esses papéis podem ser objetivos ou subjetivos. Objetivo – aquilo que os outros esperam de nós, ou subjetivo -, como cada indivíduo assume os papéis de modo mais ou menos fiel aos modelos vigentes na sociedade. Quando esses dois aspectos não coincidem, podem transformar-se em obstáculo na interação social (SAVOIA 1989, p. 57).

A interação social escolar possui poder transformador com aqueles que vivenciam cotidianamente este ambiente. A escola por ser um local que segue regras e parâmetros pré-estabelecidos de comportamento tende a moldar o grupo escolar de acordo com suas normas, o que para alguns indivíduos pode ser assimilado como algo doloroso e de difícil aceitação, porém para outros, pode significar uma delimitação necessária para o desenvolvimento saudável da personalidade. No jogo dos papéis sociais sempre existirá aqueles que desafiam as normas, aqueles que as criam e gerenciam e aqueles que as temem.

Ninguém sai ileso destes processos de interação, todavia o que vai realmente diferenciar o impacto destas relações na vida dos indivíduos é a intensidade dos eventos e a capacidade de resiliência de cada integrante.

### III- REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

#### 3.1 Delimitação da Pesquisa: o Estudo de Caso

Esta pesquisa é uma investigação qualitativa do tipo estudo de caso. Segundo Dias (2000), a pesquisa qualitativa é um tipo de pesquisa onde o pesquisador pode ser o interpretador de uma realidade, sendo capaz de descrever fenômenos e comportamentos além de fazer citações diretas de pessoas envolvidas na pesquisa e interagir com indivíduos, grupos e organizações. As abordagens de pesquisa qualitativa são apropriadas quando o objeto de estudo é de natureza social e cultural, visando observar interações entre pessoas e sistemas.

Nessa perspectiva, o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado. De acordo com Gil (*apud* Yin, 2008) é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência.

O estudo de caso contempla diferentes propósitos, entre eles: explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; preservar o caráter unitário do objeto estudado; descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; formular hipóteses ou desenvolver teorias; e explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos experimentos (GIL, 2002).

Segundo Gil (2002 *apud* YIN, 2001; STAKE, 2000) torna-se possível definir um conjunto de etapas que podem ser seguidas na maioria das pesquisas definidas como estudos de caso: a) formulação do problema; b) definição da unidade caso; c) determinação do número de casos; d) elaboração do protocolo; e) coleta de dados; f) avaliação e análise dos dados; e g) preparação do relatório.

No caso desta pesquisa, o problema central do qual se ocupa o estudo de caso é mapear as rupturas das relações humanas no ambiente escolar. Para tanto também se

buscou identificar os tipos de relações humanas que se estabelecem na convivência escolar, verificar as manifestações de estigmatização na escola, evidenciar as principais características positivas e negativas da turma de primeiro ano, nº 101, da escola Jerônimo Mércio da Silveira pela própria percepção dos alunos.

Esta pesquisa segue o estudo de um grupo de jovens em idade escolar de 14 á 17 anos como unidade de caso e uma turma de primeiro ano do ensino médio como determinação do número de caso. Os protocolos para a coleta de dados foram: observação e registro em diário de campo via apresentação de documentários/vídeos, aplicação de questionário e dinâmica de grupo “Técnica do Espelho” seguido da confecção de cartazes que manifestam o aproveitamento do grupo quanto às atividades desenvolvidas.

A análise dos dados dos protocolos citados acima foi realizada via triangulação dos dados e o relatório desta pesquisa segue no decorrer desta escrita de forma narrativa sobre os eventos que se apresentaram durante as atividades da coleta dos dados.

### 3.1.1 O contexto e os sujeitos da pesquisa

A pesquisa aconteceu na Escola Estadual de Ensino Médio Jerônimo Mércio da Silveira e teve por objeto de estudo uma turma de primeiro ano do ensino médio, do turno da manhã, no município de Candiota, no Rio Grande do Sul.

A cidade de Candiota possui aproximadamente 8.771 habitantes em uma área de 933,834 km<sup>2</sup>. Dentre várias particularidades culturais e sociais do município uma em especial nos chama atenção que é o fato das localidades do município serem afastadas umas das outras tanto nas áreas urbanas quanto na zona rural.

O primeiro contato com a escola foi por telefone com a diretora, após, foi feita uma visita formal para apresentação dos objetivos e das atividades que seriam realizadas neste estudo.

O coletivo administrativo e docente da escola demonstrou-se aberto e animado para com as atividades propostas. Uma das premissas de tamanho contentamento é o fato dos dirigentes relatarem que este contexto tem a cada ano recebido um número maior de alunos vindos de contextos diversos, e que isto gera algumas dificuldades na mediação dos relacionamentos que ali se estabelecem.

Na data da aplicação da coleta dos dados uma professora, se colocou á disposição para ir comigo até a sala da turma 101. Quando chegamos estavam todos

alvoroados, pois acabavam de retornar do intervalo. Eram risos, gritos e alguns pequenos silêncios espalhados por todos os cantos daquelas paredes que ecoavam alegria, necessidade de atenção e principalmente vigor.

De momento o primeiro contato visual com os alunos desconcerta, pois são muitos, convivendo em um espaço físico de madeira e tamanho mediano. Porém comporta a todos e possui seis grandes janelas, o que permite o ar entrar e arejar o ambiente.

A professora, uma mulher loira, de meia idade, carismática com voz calma e tom mediano, de pronto começa a ter que elevar o tom e a envergadura de sua pronúncia: “calma gente”, “preciso de atenção aqui” “parem por um minuto”, “é sério!”.

Aquelas súplicas por atenção, durante alguns minutos não pareciam surtir efeito, até que as “palavrinhas mágicas” surgem: “hoje a aula vai ser diferente, vocês precisam se organizar e irem até a sala de vídeo”. Até mesmo os mais vigorosos pareciam terem sido tocados de alguma maneira, por aquelas palavras evocadas. Logo todos começaram a organizar seus objetos pessoais e as cadeiras e mesas que estavam dispersas e se encaminharam para o outro ambiente.

Chegando à sala de audiovisual, um último pronunciamento da professora “não se embolem no fundão”, todos foram vagarosamente escolhendo seus lugares, chamando os amigos e montando seus grupos de “similares”.

A turma disponibilizada para o desenvolvimento deste estudo é a maior em número de alunos da escola, pois é composta por trinta e oito pessoas, porém, na data da coleta de dados estavam presentes apenas 33 integrantes o que somam 96% do total de alunos. Destes trinta e três alunos vinte e três eram do sexo feminino e dez do sexo masculino, a faixa etária varia de 14 á 17 anos de idade.

Das vinte e três meninas presentes; cinco não responderam a idade, uma possui 14 anos, dez possuem 15 anos, uma possui 16 anos e uma com 17 anos. Dezoito meninas são residentes da zona urbana e cinco da zona rural. Dos dez meninos presentes; três não responderam a idade, dois possuem 14 anos, quatro possuem 15 anos e um possui 16 anos. Destes, sete residem na zona urbana e três na zona rural.

Conforme os dados acima a zona urbana destaca-se em número de representatividade totalizando vinte e cinco alunos dos trinta e três presentes.

A escola Jerônimo Mércio da Silveira é um ambiente que mantém dialogo com a diversidade cultural cotidianamente, principalmente nas turmas de ensino médio, nas

quais há um número maior de sujeitos do município matriculados o quê acentua as diversas diferenças culturais, sociais, econômicas e identitárias que transitam pelo município.

### 3.1.2 Os instrumentos para a coleta de dados

Para contemplar o objetivo geral deste estudo de caso, qual seja, o de mapear as rupturas das relações sociais no ambiente escolar, assim como os objetivos específicos que são identificar os tipos de relações humanas que se estabelecem na convivência escolar, verificar as manifestações de estigmatização na escola e evidenciar as principais características positivas e negativas do grupo pela percepção dos alunos, utilizaram-se três instrumentos:

- a) Observação direta por meio de sessões de apresentação de documentários/vídeos registrada em diário de campo.

Observar exige do pesquisador um olhar atento a tudo aquilo que se apresenta na forma de comportamentos e discursos produzidos pelos partícipes. Para evidenciar com maior precisão os conhecimentos, as crenças e os valores dos alunos das relações que são vivenciadas no contexto escolar, buscou-se aflorar suas percepções com a apresentação de três documentários/vídeos que tratam da temática das diferenças entre culturas, identidades e estigmas.

Segundo Gil (2008) observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. É, todavia, na fase de coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente.

- b) Aplicação de questionário. As perguntas apresentadas aos alunos seguiram um vocabulário de fácil compreensão, com cinco questões fechadas, três questões dependentes e duas questões abertas. O objetivo central das questões foi evidenciar as percepções e sentimentos dos alunos quanto às relações com os professores, às relações com os colegas, as diferenças e os estigmas na escola.

Segundo Gil (2008) Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que podem ser abertas, fechadas e dependentes que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre

conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

c) Dinâmica de grupo “Técnica do Espelho”; a referida técnica é muito utilizada por psicólogos como abordagem clínica para investigar as relações de grupos.

Segundo Dias (2000) a abordagem clínica, objetiva trazer à tona sensações e sentimentos que não poderiam ser facilmente percebidos por meio de métodos de pesquisa estruturados. Na verdade, lida com informações veladas, por vezes inconscientes e inacessíveis nos relacionamentos interpessoais, constituindo-se em uma boa ferramenta na obtenção de informações úteis para o julgamento clínico de um profissional especializado.

No caso desta pesquisa, a técnica foi utilizada como estratégia para perceber como os alunos sentem-se e percebem-se enquanto grupo, sobre os seus papéis individuais neste contexto e também para que eles refletissem sobre como cada integrante é uno, mas importante para o todo.

### 3.1.3 A análise dos dados

O processo analítico dos dados desta pesquisa teve como base a triangulação dos dados coletados através dos três protocolos, pré-estabelecidos como instrumentos de pesquisa deste estudo de caso.

Para Minayo (2010) na coleta de dados, a Triangulação permite que o pesquisador possa lançar mão de três técnicas ou mais com vistas a ampliar o universo informacional em torno de seu objeto de pesquisa, utilizando-se, para isso, por exemplo, do grupo focal, entrevista, aplicação de questionário, dentre outros.

Ainda segundo Minayo (2010) a triangulação para a análise das informações coletadas prevê três momentos distintos que se articulam dialeticamente, favorecendo uma percepção de totalidade acerca do objeto de estudo e a unidade entre os aspectos teóricos e empíricos, sendo essa articulação a responsável por imprimir o caráter de cientificidade ao estudo.

São estes momentos:

O primeiro momento diz respeito à preparação dos dados empíricos coletados, mediante diversos procedimentos a serem adotados. Esses procedimentos são representados por etapas sumárias que visam à organização e o tratamento das narrativas. O segundo momento se refere à análise propriamente dita que implica na necessidade de se refletir sobre: primeiro, a percepção que os sujeitos constroem sobre determinada realidade; segundo, sobre os processos que atravessam as relações estabelecidas no interior dessa estrutura e, para isso, a recorrências aos autores que se

debruçam sobre tais processos e sobre a temática trabalhada na pesquisa é imprescindível; e terceiro, sobre as estruturas que permeiam a vida em sociedade (MINAYO, 2010).

A preparação dos dados deste estudo refere-se aos três instrumentos de protocolo que foram adotados como procedimentos de organização que irão possibilitar as narrativas á cerca dos comportamentos, crenças, conhecimentos, percepções e sentimentos que se manifestaram sobre as relações humanas no contexto escolar.

Os protocolos utilizados para a coleta de dados deste estudo de caso são: Apresentação de documentários /vídeos registrados em diário de campo, aplicação de questionário e técnica da dinâmica do espelho.

Mesmo que as atividades da coleta de dados sejam realizadas em etapas, a análise por triangulação dos dados permite verificar de forma conjuntural as percepções que estes sujeitos possuem sobre a realidade que eles vivenciam e sobre si mesmos.

Na apresentação dos documentários o que se objetivava era provocar nos alunos uma reflexão sobre as identidades, as diferenças, os estigmas e os tipos de relações humanas que se estabelecem ao longo da vida privada e nos espaços sociais.

O questionário buscava respostas subjetivas sobre como os alunos sentem-se enquanto indivíduos que fazem parte de um todo e como se percebem integrados a instituição escola e se eles são afetados de alguma maneira pelas relações que vivenciam neste ambiente.

Durante a dinâmica do espelho os aspectos mais íntimos foram provocados e desafiados, pois, os alunos precisavam expressar, seus sentimentos e percepções para os colegas sobre como percebiam-se fazendo parte do grupo, precisavam refletir quais eram os papéis que desempenhavam neste contexto e o porquê, e de que forma, isto era importante para a sobrevivência do grupo.

A análise por triangulação possibilita descrever os comportamentos, sentimentos e percepções dos alunos expostos durante as atividades da coleta dos dados. O que neste estudo será descrito na forma de narrativa que possui como base os além dos três protocolos pré-estabelecidos, também autores que tratam das principais temáticas apresentadas.

## 3.2 Desenvolvimento do Estudo De Caso

### 3.2.1 Observação e registro em diário de campo

Optar pela observação como instrumento de coleta de dados está intrinsecamente ligado ao que julgo ser parte da minha identidade pessoal, esta percepção que insiste em jamais desligar talvez seja um dos fatores primordiais que fez com que optasse pela psicologia como profissão.

E diferentemente daquilo em que, até certo dia acreditei este mecanismo não “liga” apenas quando estou praticando a análise de algum paciente, muito pelo contrário, enquanto seres sociais que somos, entendo que observar é algo inato. Muito sobre o que julgamos saber e sobre aquilo que acreditamos “ser” parte dos modelos observados que passam ou passaram por nós durante nossas trajetórias.

Talvez seja por isso que a linha de definição de certo/errado, ético ou antiético na sociedade seja tão tênue. Enquanto sujeitos culturais construímos e desconstruímos os pilares que sustentam nossas identidades diariamente. Por vezes estas transformações nos passam despercebidas pelo consciente, mas inconscientemente sentimos que algo nos mudou, projetamos a mudança para outros e desencadeamos o que na terapia breve focal de orientação psicanalítica chamamos de efeito carambola, que nada mais é do que a transmutação que ocorre quando ouvimos uma palavra, visualizamos uma imagem, percebemos um gesto, ou qualquer outra situação ou emoção que nos toque e desperte a metamorfose em nossos seres.

Por isso que para realizar este estudo decidi instigar as percepções dos alunos da escola Jerônimo Mércio da Silveira através de documentários na esperança de que as imagens e histórias ali contadas, os tocasse de alguma maneira e os fizesse refletir sobre as suas vivências e convivência cotidianas.

No momento em que chegamos á sala de áudio visual eles representavam estar curiosos e ansiosos para saber o que aquela estranha iria fazer. Logo todos foram vagorosamente se acomodando, sentando, demonstrando até no modo como sentavam, que aquele lugar era deles que a forasteira deveria em algum momento explicar para quê aquilo tudo, mudança de local, computadores, fios, pilhas de papel etc.

E então chegou o momento das devidas explicações, após todos estarem acomodados, fui para o centro da sala, me apresentei de maneira informal contando um pouco de quem sou, minha formação e apresentei a proposta de realizar uma pesquisa para a conclusão do meu trabalho de conclusão de curso. Expliquei que falaria o

mínimo possível e que o processo seguiria três etapas: a primeira seria a apresentação de três vídeos, sendo que, propositadamente, dois destes não seriam em português, portanto, precisaria da atenção deles para que houvesse a compreensão de todos sobre o que estaria sendo apresentado, visualmente, apenas.

A segunda etapa seria retornarmos para a sala de aula, momento no qual eu distribuiria a todos um pequeno questionário com poucas questões para que fosse respondido; e, que no terceiro momento faríamos algo diferente que eles só iriam saber quando chegasse a hora certa. Perguntei se todos aceitavam me acompanhar nesta trajetória e a concordância foi unânime.

Como era de esperar de um grupo de jovens saudáveis e ativos, a agitação tomou conta daquela sala, ouviam-se muitas conversas paralelas, risos, e questionamentos em forma de atitudes, pés para cima nas cadeiras, alguns quase que deitados, outros um pouco mais fechados de braços cruzados, alguns abraçados etc.

Não informei a eles os títulos dos vídeos transmitidos, porém o primeiro vídeo chama-se “ Video mais triste do mundo”, o segundo “Uma lição de vida”, e o terceiro um curta metragem chamado “Ninguém é igual a ninguém” todos baixados do site youtube e disponíveis nas referências deste trabalho.

O primeiro vídeo conta a história de um mendigo que todas as noites dorme na frente da mesma loja, e todas as manhãs o dono do estabelecimento, o agride verbalmente e fisicamente com chutes, vassouradas e baldes de água fria jogados sem dó. A primeira reação dos alunos as agressões foi o riso que partia de quase todos, porém alguns se mantinham quase que imóveis diante do que era apresentado.

Certo dia o dono do local abriu as portas e aquele individuo, que rigorosamente dormia ali não estava presente, os dias foram passando e o proprietário estranhou, foi até os registros das câmeras do local e descobriu o que de fato acontecia quase que diariamente ali, o “mendigo” cuidava do local, não deixava que riscassem as paredes, não permitia que vândalos deteriorassem o ambiente, até que certa noite um grupo de pessoas tentavam assaltar a loja e o “mendigo” tentou impedir e foi assassinado. Ao final deste vídeo os risos que se ouvia anteriormente silenciaram e o que se escutava era indignação por conta de tamanha maldade e desleixo pela vida alheia.

A segunda película representava a vida de uma jovem que desde a infância sentia-se diminuída pela sociedade por não ter as melhores roupas, calçados, aparelhos eletrônicos etc, e por isso culpava seu pai, destratava-o diariamente e jamais demonstrava afeto por ele. O vídeo mostrava também que de fato as outras pessoas não

valorizavam a moça, a diminuíam sempre que possível, ao final da história a jovem, está no trânsito e o seu pai que era um motorista de “tuc tuc” indiano, sofreu um acidente e foi aí que a filha descobriu que o pai guardou todo o dinheiro que pode, vendeu tudo que tinha e comprou para ela o melhor aparelho de celular, a bolsa de marca que ela tanto queria, a moto dos seus sonhos, só que agora já era tarde, o pai, não estava mais presente para receber o abraço de gratidão que tanto esperou da filha.

Os alunos diziam: “Nossa! Isso acontece muito”, “eu jamais faria isso com meus pais”, “ele fazia tudo por ela e ela era uma ingrata”. Em meio a frases de consternação e indignação alguns alunos secavam os olhos para conter o choro que aquelas imagens desencadearam.

O terceiro vídeo era um documentário realizado por uma escola de educação infantil feito com os alunos da escola que demonstrava que ser diferente é algo positivo, as crianças faziam falas de como eles eram e que os coleguinhas eram diferentes, que tinha, “godinho”, “maguinho”, loira, negra, cabelo cacheado, cabelo liso, alunos que não caminhavam, outros que utilizavam óculos para poderem enxergar etc. Mas a mensagem principal era de que o que realmente importa na vida é respeitar e ajudar as pessoas independente do que e de que elas são.

Os alunos ficaram encantados com as crianças, tão pequenas e espertas, os risos eram múltiplos. Diziam: que bonitinhos, vontade de apertar as bochechas, lição de vida.

O refrão da música do terceiro vídeo embalou toda a turma até o retorno a sala de aula, todos saíram do áudio visual cantarolando: “Ninguém é igual a ninguém, ainda bem, ainda bem!”. Alguns professores que estavam no café saíram pra fora para verificar o que estava acontecendo e ficaram maravilhados com o que ouviam e viam.

### 3.2.2 Aplicação de Questionários

A aplicação dos questionários aconteceu em sala de aula normal, na volta das apresentações dos filmes.

Os alunos estavam inquietos e ainda processando as suas emoções e percepções acerca de tudo que lhes foi apresentado, então perguntei como eles se sentiam com tudo aquilo e responderam: “Pô! Cara, chorei”, “Emocionante”, “Como tem gente cruel, nesta sala aqui também tem gente assim”, “Eu não sou assim, sou um amorzinho e trato todo mundo bem”, “eu me segurei e não chorei”, “mas dá uma raiva ver as pessoas serem grossas”, “odeio gente que trata os outros mal”, “isso é pra gente aprender a tratar todo mundo bem” “não sabemos pelo o quê o outro tá passando”, “queria chutar a cara

daquele velho dono da loja”, “o que adiantou a guria ficar com tudo o que ela queria, perdeu o pai e nunca deu atenção pra ele”, “agora vai ficar sozinha”, “cheia de coisas que vão ficar velhas e não tem verdadeiro valor”.

Então solicitei que eles refletissem sobre o que assistiram e respondessem as questões do questionário de forma honesta, disse a eles, que poderiam se expressar com suas palavras e que a única coisa que eu pedia naquele momento era a verdade.

Começou o turbilhão de perguntas sobre o questionário, porém, as mais recorrentes foram: quem vai ler? os professores vão saber? Tem que por o nome?

Expliquei como deveriam proceder, e que não precisavam por nome, e que os professores não teriam acesso as respostas e mesmo que tivessem não saberiam quem respondeu, devido ao anonimato. Eles se acalmaram e começaram a escrever. Enquanto escreviam, falavam: “nem todo mundo nesta sala é legal”, alguns rebatiam e diziam: “eu acho todo mundo legal, só que somos diferentes, temos gostos diferentes que nem foi mostrado nos videos” “vocês são uns imaturos”, “aqui tem até professor que trata os outros mal”.

### 3.2.3 Dinâmica de Grupo “Técnica do Espelho” e confecção de cartazes.

Quando todos os alunos terminaram de responder ao questionário, informei que aquela era a hora de realizarmos a terceira etapa do nosso encontro.

Os olhos brilhavam, estavam curiosos e dispostos a participar, demonstravam estar gostando. Como tínhamos pouco tempo para realizar a última etapa e fazer o fechamento das atividades solicitei que cada fileira, escolhesse dois representantes, havia quatro filas extensas de alunos.

Oito alunos foram escolhidos para irem até o quadro negro e ficarem de frente para o restante da turma.

Peguei uma caixa que tinha levado com o espelho dentro, e disse a eles que aquele momento era muito importante e que dentro daquela caixa tinha a foto de uma pessoa que fazia diferença naquela sala, e que eu iria passar a caixa fechada para cada um dos oito de forma individual e que, quem abrisse a caixa deveria dizer o porquê à pessoa da foto era importante para aquele grupo. Quem abrisse a caixa não poderia contar o que estava vendo e os outros alunos não poderiam interferir na “brincadeira”.

Dos oito alunos escolhidos seis eram meninas e dois meninos. A primeira pessoa a abrir a caixa era uma menina. Nossa, que difícil, sacanagem! Exclamou ela. Bom essa

pessoa é importante porque ela tenta ser amiga de todo mundo. Todos na sala estavam curiosos.

A segunda pessoa a abrir a caixa era um menino. Putz, me ferrei! Disse ele. Bah, é importante porque faz parte do grupo. Perguntei é só isso? E, ele, sim é só, e riu de forma tímida.

A terceira menina abriu a caixa e disse: Ah, essa é fácil, ela é um amorzinho, bonita e gosta de ajudar sempre que pode. A quarta menina a abrir a caixa, faz uma semblante tenso e diz: hum...tenho que pensar, bom essa pessoa é importante para o grupo porque ela é brigona. Perguntei como assim brigona? Ah, se ela não gosta de alguma coisa ela fala, e às vezes dá briga.

Naquele momento a “brincadeira” foi descoberta, os alunos começaram a dizer essa é fácil ela tá falando dela mesma. Uma menina do fundo da sala grita: eles estão falando deles mesmos. Todos começam a rir. E eu interfiro e digo: calmem no fim tudo vai ser esclarecido, deixem os outros falarem o que pensam da pessoa que esta dentro da caixa. Muitos risos e conversas paralelas até que baixam o tom e a dinâmica continua.

A quinta pessoa a responder era uma menina, abriu a caixa e disse: Jura? Respondo: sim! e ela: hum, deixa eu pensar ... Ah, ela é uma pessoa legal, não fala com todo mundo, mas fala sempre com quem vai falar com ela e dá atenção.

O sexto a responder é um menino. Abriu a caixa e disse: HAHAHAHA, esse é importante, por que é lindão, o mais bonito! Então perguntei: beleza é importante no grupo? Claro! Diz ele é fundamental. Todos riam muito, e diziam: “se acha a última bolachinha do pacote, nem é tudo isso”, “saí daí”, “é um babaca mesmo”.

A sétima pessoa era uma menina, levantou a tampa da caixa e disse: Essa pessoa é importante por que ela se importa com o grupo, tenta ajudar, e gosta de demonstrar amor. Todos aplaudiram e pareciam concordar com aquelas palavras.

A última pessoa a responder também era uma menina, ela abriu a caixa, e disse: Ah, essa pessoa é importante por tantas coisas, mas acho que o que é mais importante é que quando dá as brigas porque uns querem uma coisa e outros outra, ela sempre tenta que resolvam por um meio termo, sem brigas. Ela acha que brigas não levam a lugar nenhum. A sala de aula veio “abaixo”, Uhu!, á que resolve tudo. Muitos risos.

Agradei e pedi que todos retornassem aos seus lugares. Naquele momento todos estavam afoitos, falavam muito. Então era hora de mostrar o que de fato tinha dentro da caixa misteriosa, abria a caixa e desvendi o misterioso espelho. E eles

diziam: ah, era isso, sabia que eles estavam falando deles mesmos, mas nunca pensei que tinha um espelho, essa foi boa, nos pegou, adorei.

Perguntei se todos concordavam com o que os colegas haviam falado de si mesmos, alguns diziam que sim outros que não. Então disse a eles que isso é normal de acontecer em grupo, principalmente com aquela turma porque eram muitas pessoas e que todos tinham maneiras diferentes de ver a vida. E que é comum alguns terem mais afinidades e outros menos. Todos aplaudiram e diziam: Essa é a pior turma da escola, somos muito barulhentos, mas também sabemos nos comportar.

Então perguntei se estavam dispostos a realizar mais uma atividade e todos concordaram então distribuí folhas A4 e pedi para que eles retirassem as mesas e cadeiras e formassem um círculo sentados no chão, distribuí diversos lápis de cor, giz de cera e canetas coloridas e solicitei que escrevessem ou desenhasssem algo que simbolizaria para eles o que ficou de mais importante daquele encontro que tivemos.

A turma inteira contribuiu e apesar de serem muitos, conseguiam manter certa ordem de organização peculiar a eles.

As mensagens confeccionadas expressou o que para eles ficou de aprendizado e reflexão sobre as atividades desenvolvidas.

### **3.3 Análise dos Dados: Relatório da Pesquisa**

A análise desta pesquisa está estruturada na triangulação dos dados coletados conforme os instrumentos já apresentados. As categorias da análise possuem como base cinco eixos: Nomeação dos sujeitos via “apelidos”, Empatia, Igualdade e diferença pelo olhar do aluno quanto á relação com os professores, Diferença/estigma, As melhores e piores impressões sobre o grupo pela percepção dos alunos. A divisão por categorias foi escolhida, pois, possibilita uma melhor organização dos dados para a triangulação de forma clara e coesa, com o claro objetivo de responder os questionamentos e objetivos deste estudo.

Os alunos serão identificados por numeração de 01 a 33 para que não haja confusão das descrições expressas nas narrativas.

#### **3.3.1 Nomeação dos sujeitos via “apelidos”**

Na questão do questionário que pergunta se os alunos possuem algum tipo de apelido que não se sentem confortáveis. Apenas a menina (19) respondeu que possui um apelido e que sente desconforto: “porque eu não curto apelidos”.

Durante as outras atividades da coleta dos dados ficou notória a presença de nomenclaturas pejorativas por parte dos alunos em relação a seus pares. Muitas palavras como: “babaca”, “idiota”, “ridículo”, “feioso” foram pronunciadas ao longo das atividades. O que indica um nível de violência psicológica para com os indivíduos que são alvos de tais xingamentos.

Tal violência pode acarretar prejuízos no desenvolvimento das personalidades e por consequência nas relações sociais do indivíduo com o meio.

Segundo Stevens apud Nascimento (2011), os danos da violência psicológica no desenvolvimento têm consequências no plano psicológico. A American Academy of Pediatrics apud Nascimento (2011) apresenta, como consequências da violência psicológica para o desenvolvimento juvenil, prejuízos nas seguintes áreas: pensamentos intrapessoais (medo, baixa estima, sintomas de ansiedade, depressão, pensamentos suicidas, etc.); saúde emocional (instabilidade emocional, problemas em controlar impulso e raiva, transtorno alimentar e abuso de substâncias); habilidades sociais (comportamentos antissociais, problemas de apego, baixa competência social, baixa simpatia e empatia pelos outros, delinquência e criminalidade); aprendizado (baixa realização acadêmica, prejuízo moral) e saúde física (queixa somática, falha no desenvolvimento, alta mortalidade). A severidade das consequências da violência psicológica está relacionada à intensidade, gravidade e frequência de sua ocorrência em relação à ao jovem (American Academy of Pediatrics; 2002, apud Nascimento; 2011).

### 3.3.2 Empatia

Na questão do questionário que investiga: “você acha todos os seus colegas legais?” Dos trinta e três alunos, dez responderam afirmativamente- todos os colegas são legais. Vinte e três alunos responderam negativamente.

A pessoa 18 respondeu que todos os colegas são legais, porém na questão que perguntava se tem algum que não é legal, qual características dele que lhe incomodam? Ela respondeu: “sempre tem um menino ou uma menina que sempre se acha melhor que os outros e ficam querendo competir, isso é irritante”.

Dos que responderam negativamente, 21 dizem que os colegas se “acham demais”, “não aceitam ideias contrárias”, “que meninas e meninos são machistas”.

Segue abaixo escritas dos alunos de forma coloquial:

Resposta da pessoa 12: “têm varias pessoas que são machistas, uma menina fala que todo mundo é puta e julga as pessoas, sendo que a maioria das atitudes dela são

iguais as das supostas “putas” tenho uma amiga que debocha das pessoas e eu não gosto, quando pergunto a ela, ela diz que é brincadeira”

---

**PESSOA, Nº**

**EXPRESSÕES E FRASES**

---

**Pessoa, 06** “ O desrespeito de um menino sobre os colegas homossexuais”.

**Pessoa, 01**

“Me irrita a ignorância e a infantilidade de certos indivíduos da turma. Se julgam sábios e dão sempre opiniões onde não são chamados (mesmo que não saibam de nada a respeito). Falta de compromisso e colaboração da maioria, onde agem sinceramente como uns RETARDADOS, sem maturidade que passam das 08:00 até 12:00 abrindo a matraca sobre banalidades que não sou OBRIGADA a ouvir e ainda sim tenho que aturar, gostaria de agradecer a este experimento que só me fez exprimir meu egocentrismo e também a raiva que jamais senti de um bando de animais inescrupulosos que infelizmente pela biologia, são considerados seres humanos”.

**Pessoa, 20**

“tem vários, muita gente com o caráter horrível, estamos cercados de pessoas falsas que fingem ser algo que não são para agradar alguns, mas acabam se tornando uns bostas”.

**Pessoa, 15**

“tem um menino que me incomoda pelo desrespeito com as mulheres, não sabe aceitar opiniões diferentes, machismo”.

“a prepotência, falsidade, infantilidade de alguns. Se

---

---

**Pessoa, 10** acham me incomodam porque vivem me provocando são uns seres que não ria fazer falta no mundo, minha bosta é melhor que eles”.

---

**Pessoa, 33** “querem se achar melhor mais que os outros tentando assustar os outros”.

---

Apesar dos alunos apresentarem-se muito sensibilizados e empáticos com as situações de vida que foram representadas durante a apresentação dos vídeos, na prática suas ações e verbalizações não condizem com a realidade vivenciada. Foi observado que muitas ofensas foram lançadas durante a interação do grupo, falta de compreensão com a percepção apresentada pelos colegas sobre as suas visões de mundo e de si. O que demonstra baixa empatia no contexto de convivência da turma.

Utilizando os conceitos da Habilidade Social da Empatia definida por vários autores, dentre eles Ickes (1997 in Falcone, 1998) e Del Prette (2001, 2008), este conceito refere-se a sintonia fina de sentimentos e pensamentos com outras pessoas, considerando-as como sujeitos únicos, singulares e originais, e a disposição e a capacidade de aceitação de como essas pessoas são, isto é, de como elas pensam, sentem e se comportam. Em suma, empatia refere-se fundamentalmente à capacidade de se colocar no lugar do outro.

Levando-se em consideração que os indivíduos pesquisados estão em processo de desenvolvimento a baixa empatia não significa que em totalidade estes não possuam um relacionamento proveitoso enquanto grande grupo. O desenvolvimento cognitivo só é possível através das interações sociais e como pessoas jovens eles ainda estão experimentando e desenvolvendo suas habilidades na interação com o social e com as diferenças.

Segundo Rosseti-Ferreira, “é apenas na interação com o outro que o desenvolvimento é possível” (2000, p.24).

Compreender o individuo na sua personalidade construída, única e irrepetível, através da sociedade e da cultura, são resposta apresentadas por Vygotsky frente a tantas perguntas sobre o desenvolvimento humano.

Segundo Vygotsky (1984) o desenvolvimento humano é uma teoria da educação e por educação compreende-se não só o desenvolvimento do potencial do indivíduo, mas a expressão histórica e o crescimento da cultura humana da qual o homem emerge.

### 3.3.3 Igualdade e diferença pelo olhar do aluno quanto á relação com os professores

Na questão do questionário que perguntava se todos os alunos eram tratados igualmente pelos professores, vinte e quatro alunos responderam que não e nove que sim.

Os alunos que descrevem tratamento igualitário pelos professores e que nunca presenciaram diferenciação neste quesito mencionam quê:

PESSOA, Nº	EXPRESSÕES E FRASES
<b>Pessoa, 30</b>	“que eu saiba são todos tratados igualmente, ganham as notas merecidas. E o que vale para um, vale para todos”.
<b>Pessoa, 08</b>	“porque todos os professores são educados e entendem nossas diferenças”.
<b>Pessoa,15</b>	“ nunca vi nenhum professor fazer diferença entre nós”.

Dos alunos que manifestam contrariedade nas respostas á maioria informa que o tratamento não é igualitário, que alguns professores são machistas/preconceituosos e isso interfere no modo de ensino e na aprendizagem.

Segue abaixo expressões dos alunos:

---

**PESSOA, Nº****EXPRESSÕES E FRASES**

**Pessoa, 21** “sempre tem os preferidos dos professores, mas não deveria ser assim, deveria ter igualdade, porque isso de preferidos magoa”.

**Pessoa, 12** “tem umas professoras homofóbicas e muito machista, preconceituosas no geral, uma é mãe de aluna que oferta privilégios a ela”.

**Pessoa, 18** “sempre tem os queridinhos e geralmente é aquele que os pais tem um bom emprego que são bem vindos”.

**Pessoas; 23, 25, 26** São alunos moradores das zonas rural informam que são tratados com diferença.

**Pessoa, 23** “muitas vezes por sermos novos na escola eles nos tratam como “novatos” e acham que somos incapazes de fazer as tarefas melhores que os outros”.

**Pessoa, 25** “os novatos são tratados de uma forma diferente”.

---

**Pessoa, 26**

“porque tem uns professores que não tratam igual os que vieram de outras escola porque eles acham que os “novatos” não tem capacidade”.

Na fala acima dos alunos fica notório um distanciamento e pré-julgamento negativo dos professores para com eles o que gera estranheza e desconforto.

A sensação de estranheza ou de avaliação negativa ou positiva do outro ocorre, conforme Goffman (1988), porque os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. No caso da relação escolar, as representações sociais dos professores como não têm sido formadas com base suficiente para conhecer e relacionar com as diversidades, acabam estigmatizando os alunos.

Conforme verificamos na falas dos alunos são poucos os que estão em conformidade pelo atendimento que recebem pelos docentes.

A maioria acredita que são prejudicados e tratados de forma subjulgada por preconceitos e atitudes discriminatórias. O que aparentemente causa prejuízo na aprendizagem e no desenvolvimento humano.

De acordo com Vygotski (apud DAVIS, 1993), o desenvolvimento do sujeito humano e de sua singularidade origina-se das constantes interações com o meio social em que ele vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social. Nessa perspectiva, o desenvolvimento das funções intelectuais especificamente humanas é mediado socialmente pelos signos e pelo outro. Dessa forma, construir conhecimentos implica uma ação partilhada, já que é por intermédio dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas.

Para Aquino (1998, p. 63-64), a heterogeneidade característica presente em qualquer grupo humano, passa a ser vista como fator imprescindível para as interações na sala de aula. Os diferentes ritmos, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contextos familiares, valores e níveis de conhecimento de cada jovem (e do professor) imprimem ao cotidiano escolar a possibilidade de troca de repertórios, de visões de mundo, confrontos, ajuda mútua e conseqüente ampliação das capacidades individuais.

Quando as diferenças não são respeitadas e trabalhadas na relação social e escolar professor- aluno, corre-se o risco de despertar as indiferenças.

Perrenoud (2000, p.9), afirma que a "indiferença às diferenças", acaba gerando a desigualdade na aprendizagem. Em cada classe, existe uma parcela significativa de "diferenciação selvagem" (PERRENOUD, 2000, p. 26), a qual os professores têm uma vaga consciência e a qual não dominam.

Durante as outras atividades desta pesquisa os alunos citaram que os professores tinham que ter muita paciência para “aguentar” a todos porque a turma era muito grande, diversa e barulhenta, falaram também que a diretoria e os professores deixavam a desejar no quesito atenção porque uns eram tratados de forma diferenciada com referencia a outros.

A relação professor-aluno é um diferencial no processo de aprendizagem pois os vínculos afetivos são pontes para o desenvolvimento de um processo educativo baseado na troca de vivências e percepções a cerca do mundo e dos objetos que permeiam o contexto escolar.

Educar, do latim educare, é conduzir de um estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação, conforme é explicado por LIBÂNEO:

“o ato pedagógico pode ser, então definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível do intrapessoal como no nível de influência do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre os sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida. Presume-se aí, a interligação de três elementos: um agente (alguém, um grupo, etc.), uma mensagem transmitida (conteúdos, métodos, habilidades) e um educando (aluno, grupo de alunos, uma geração) (...)”1994 p.56

O professor não pode ser autoritário a ponto de achar que sua palavra é a lei, pois, quando há uma falha na comunicação entre professor–aluno, aluno-professor, poderá ocorrer o distanciamento das duas partes, o que poderá prejudicar a relação; uma vez que o diálogo é um elemento fundamental da aprendizagem, fato que é reforçado por HAYDT (1995, p.87), sobre a importância do estabelecimento do diálogo:

“Na relação professor-aluno, o diálogo é fundamental. A atitude dialógica no processo ensino-aprendizagem é aquela que parte de uma questão problematizada, para desencadear o diálogo, no qual o professor transmite o que sabe, aproveitando os conhecimentos prévios e as experiências, anteriores do aluno. Assim, ambos chegam a uma síntese que elucida, explica ou resolve a situação-problema que desencadeou a discussão.”

### 3.3.4 Diferença/estigma

Para identificar possíveis exclusões entre o grupo uma das questões do questionário perguntava se os alunos sentiam-se excluídos pelos colegas e solicitava que eles escrevessem sobre como se sentiam referente a esta questão.

Dos 33 alunos treze dizem que sim, que se sentem excluídos do seu grupo por algum motivo, vinte dizem que não são excluídos, porém alguns informam que percebem que há colegas que são tratados de maneira diferenciada pelo grande grupo.

Dos que não se sentem excluídos:

---

PESSOA, Nº	EXPRESSÕES E FRASES
Pessoa, 32	“Não eu gosto do meu grupo e fico bem a vontade”.
Pessoa, 25	“Não. Ando e falo com pessoas que tenho afinidades o resto é o resto”.
Pessoa, 12	“Não, mas percebo indiferença entre os outros”.
Pessoa, 15	“Não, mas me sinto incomodada quando algum dos meus amigos faz brincadeiras constrangedoras e desrespeitosas com as pessoas”.

---

Dos que mencionam sentir-se excluídos:

---



---

---

**PESSOA, Nº****EXPRESSÕES E FRASES**

---

**Pessoa, 19** “Por um lado sim, por todos beber e ir pra balada e eu não e isso acaba acontecendo afastamento e exclusão, muitos bebem”.

**Pessoa, 17** “As vezes sim, não sou muito comunicável, eu me sinto mal por não ser tão legal quanto eles. Tanto é que me acostumei a ser fria e não dar bola pra nada”.

**Pessoa, 07** “As vezes me sinto excluído pelo motivo de eles quererem se achar melhor, começam a se exhibir e eu não gosto destas coisas dai fico excluído fico assim porque sou uma pessoa humilde e me dou bem com quase todos, quando estão assim eu saio fora. Dói”.

**Pessoa, 16** “ Sim, me sinto excluída. Muitos colegas que participam do mesmo grupo que eu são um pouco diferentes”.

**Pessoa, 10** “Me sinto excluída porque sou meia burra as vezes”.

**Pessoa, 20** “ Quem nunca se sentiu excluído? Se sentir excluído é horrível, nós sentimos vazios”.

**Pessoa, 21** “Sim, na verdade sempre me sinto mal a cada instante que passo nesta escola com estas pessoas, não me encaixo em lugar

---

algum, pessoas estão com pessoas por status, não todas, mas a maioria. E isso me magoa quantias, falo isso com a minha mãe e ela vê tudo como uma fase”.

Mesmo os alunos que verbalizam não sentirem-se diferenciados ou excluídos demonstraram de alguma forma ao logo do processo de levantamento de dados marcas de estigmatização por parte dos colegas e professores nos diálogos e na escrita.

Nos registros alguns alunos auto-avaliam-se como sendo burros, diminuídos e magoados por sentirem que não são tratados de forma respeitosa nas suas diferenças.

De acordo com Melo (2011), alguém que pertence a uma categoria com atributos incomuns ou diferentes é pouco aceito pelo grupo social, o qual não consegue lidar com o diferente e, em situações extremas, o converte em uma pessoa má e perigosa, é visto como desprovido de potencialidades.

O estigma é um atributo que produz um amplo descrédito na vida do sujeito; em situações extremas, é nomeado como "defeito", "falha" ou desvantagem em relação ao outro; isso constitui uma discrepância entre a identidade social virtual e a identidade real. Para os estigmatizados, a sociedade reduz as oportunidades, esforços e movimentos, não atribui valor, impõe a perda da identidade social e determina uma imagem deteriorada, de acordo com o modelo que convém à sociedade. O social anula a individualidade e determina o modelo que interessa para manter o padrão de poder, anulando todos os que rompem ou tentam romper com esse modelo. O diferente passa a assumir a categoria de "nocivo", "incapaz", fora do parâmetro que a sociedade toma como padrão. Ele fica à margem e passa a ter que dar a resposta que a sociedade determina. O social tenta conservar a imagem deteriorada com um esforço constante por manter a eficácia do simbólico e ocultar o que interessa, que é a manutenção do sistema de controle social (Melo;2011.p.2).

Estigmatizar é romper, relações sociais e excluir a possibilidade do outro de se sentir pertencente e importante no grupo social. A exclusão desencadeia prejuízos no desenvolvimento humano, sentimentos hostis e crenças falsas, sobre si próprio, o mundo e os objetos.

### 3.3.5 As melhores e piores impressões sobre o grupo pela percepção dos alunos

Apesar das diferenças e algumas rupturas das relações sociais no contexto escolar os alunos demonstram quase de forma unânime a mesma percepção sobre as características do grande grupo.

---

**PESSOA, Nº****EXPRESSÕES E FRASES****Pessoa, 21**

“O que a turma tem de melhor é que são inteligentes e procuram amor em algumas pessoas, mas quando não recebem tratam quem os amam mal. Julgam muito pela aparência e por boatos”.

**Pessoa, 23**

“De melhor a competência e todos tem um grande potencial, de pior a bagunça e a conversa paralela que atrapalha a aula”.

**Pessoa, 14**

“ O pior é que nós somos uma turma muito grande e bagunceira e de melhor é que apesar de nós não sermos muito comportados nós nos ajudamos em alguns aspectos”.

**Pessoa, 11**

“De pior é a falta de respeito perante os alunos. Acredito que para serem respeitados eles também devem respeitar. E tem muitos alunos que não tem consideração pelos colegas nas horas sérias. De melhor é que a turma é companheira”.

**Pessoa, 22**

“Uma boa convivência com as diferenças fora claro algumas opiniões”.

“De melhor é que a maioria é muito legal e são bem

---

**Pessoa, 16** colegas se precisamos de alguma coisa eles ajudam, mas o ruim é que somos muito barulhentos e isso atrapalha na concentração”.

**Pessoa, 18** “De pior é que ninguém respeita as opiniões do outro colega, de melhor é que se unem quando precisam”.

**Pessoa, 17** “O que a minha turma tem de melhor é que todo mundo se ajuda e o que tem de pior é que conversam demais e prejudicam a turma”.

**Pessoa, 03** “De melhor a união e de pior a bagunça”.

**Pessoa, 27** “De melhor é muito participativa de pior é muito barulhenta”.

**Pessoa, 02** “ É a pior turma da escola mas é muito unida”.

Representativamente os alunos percebem-se como sendo um grupo amplo, diversificado e criaram a crença de que são considerados os piores da escola. O que parece é qu

e estas concepções emergiram através das relações interpessoais do grupo, em grupo, com os docentes e diretoria. Porém também demonstram-se resiliência e confiança na capacidade do outro em melhorar, acreditam que mesmo sendo prejudicados por serem uma turma com número grande de integrantes conseguem perceber uma relação de união e companheirismo.

Para Grotberb (1995) apud Mota, Benevides-Pereira, Gomes & Araújo (2006, p. 58) a resiliência pode ser definida como uma capacidade universal que possibilita a pessoa, grupo ou comunidade prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos das

adversidades, inclusive saindo dessas situações fortalecida ou até mesmo transformada, porém não ileso.

Existem três tipos de resiliência de acordo com Garcia (2001), a emocional, a acadêmica e a social. A resiliência emocional relaciona as experiências positivas que levam a sentimentos de autoestima, autoeficácia e autonomia, que capacitam a pessoa a lidar com mudanças e adaptações, obtendo um repertório de abordagens para a solução de problemas. A resiliência acadêmica engloba a escola como um lugar onde habilidades para resolver problemas podem ser adquiridas com a ajuda dos agentes educacionais. E a resiliência social envolve fatores relacionados ao sentimento de pertencimento, supervisão de pais e amigos, relacionamentos íntimos, ou seja, modelos sociais que estimulem a aprendizagem de resolução de problemas.

#### **IV CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com este estudo percebemos que a Escola Jerônimo Mércio da Silveira apresenta dificuldades de cumprir plenamente o seu papel social de promover uma convivência saudável entre alunos-alunos, alunos-professores e professores-alunos.

O que notamos é que os estigmas estão presentes na escola e que começam pelas relações com os professores. Os sujeitos (alunos), são grifados por marcadores sociais e sentem-se tratados de forma negativa e diferenciada pelos docentes e pela diretoria, o que aparentemente causa sofrimento e uma sensação de descrédito e inferioridade principalmente aos alunos advindos de famílias de classes sociais humildes, alunos moradores do campo, homossexuais e meninas.

No grupo de alunos participantes desta pesquisa a existência da segregação também é aparente, pois, a grande maioria queixa-se dos colegas, porque dizem que estes não sabem respeitar as opiniões alheias, que uma parcela significativa dos alunos demonstram-se superiores aos outros e sendo assim colocam-se em um lugar de privilegiados o que causa isolamento, sofrimento e sentimentos de exclusão para a mais da metade da turma.

Alguns alunos apresentaram queixas sérias de comportamentos machistas, homofóbicos e de vários tipos de preconceitos no contexto escolar. O que também ficou evidenciado como sendo fatores que propiciam e revelam sentimentos de inferioridade,

baixa auto estima, indícios de depressão, baixa empatia, prejuízo moral, revolta e atitudes nocivas nas interrelações do grupo.

Ao que parece os integrantes deste estudo internalizaram e assumiram o papel de ser o que há de pior na escola, porém demonstram-se resilientes, acreditam nas capacidades cognitivas dos colegas, são pró-ativos, criativos e retratam um grande potencial de superação para com as adversidades e pluralidades que se expõem no ambiente escolar.

Conforme descrito anteriormente, este estudo buscava mapear as relações sociais que se estabelecem na escola, e o que percebemos no fim desta pesquisa é que de fato há diversas divergências de opiniões de caráter cultural entre os sujeitos, tanto na relação social entre os alunos quanto na convivência social alunos/professores.

Como psicóloga percebo que esta escola parou no tempo, segue um modelo de uma educação pautada no tradicional e necessita fazer uma reflexão profunda sobre as relações humanas, e principalmente sobre o modelo atual de ensino que apresenta déficits na formação e pode vir a causar problemas irreversíveis de ordem psicológica no desenvolvimento de seus alunos.

Educar é muito mais do que o simples ato de transmitir o conhecimento, educar é contribuir com o desenvolvimento humano social, compartilhando experiências de forma empática, valorizando e respeitando as individualidades e a contribuição de todos os sujeitos envolvidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Júlio Groppa. **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

CORAZZA, Sandra Mara. **A Educação do Século XXI: desafio da diferença pura**. **ARIÚS: revista de ciências humanas e artes**. – v. 1, n. 1, (out./dez. 1979) – v. 15, n. 1 (jan./jun. 2009). – Campina Grande: EDUFCEG, 2009. p. 9-18. 07.

DAVIS, Cláudis; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na educação**. 2. ed., São Paulo: Ed. Cortez, 1993.

DEL PRETTE, Z. A. P. & A. **Psicologia das habilidades sociais**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DIAS, Claudia (2000). **GRUPO FOCAL: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas**. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255610/mod\\_Resource/content/0/Tecnicade\\_coleta\\_deDados.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255610/mod_Resource/content/0/Tecnicade_coleta_deDados.pdf) . Acesso: 12 de junho de 2017.

DIAS, Claudia (2001). **Pesquisa qualitativa – características gerais e referencias**. [www.geocities.com/ claudiaad/qualitativa](http://www.geocities.com/claudiaad/qualitativa). Acesso em: 12 junho 2017.

FALCONE, E. M. **A função da empatia na terapia cognitivo-comportamental**. In: M.L. Marinho & V.E. Caballo(Orgs), 2001.

GARCIA, I. (2001). **Vulnerabilidade e resiliência**. *Adolescencia Latinoamericana*, 2, 128-130.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Cidade de São Paulo. 4. Ed, Editora Atlas S.A, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil**. Cidade de São Paulo -4.ed. Editora Atlas S.A, 2002.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GROTBERG, E. H. (2005). **Introdução: novas tendências em resiliência**. In: A. MELILLO & E. N. S. Ojeda (Org.). **Resiliência: Descobrimo as próprias fortalezas** (pp. 15-22). Porto Alegre: Artmed.

HABERMAS, Jurgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

HAYDT, Regina Célia. **Curso de didática geral**. 2 a ed. São Paulo: Ática, 1995.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2016.<Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=430435&search=rio-grande-do-sul|candiota|info%EF1ficos:-dados-gerais-do-munic%EDpio>>. Acessado em: 26 de nov de 2016.

LINK, B. G. & PHELAN, J. C. (2001). **Conceptualizing stigma**. *Annual Review of Sociology*, New York, (27), 363-385. Recuperado de <http://arjournals.annualreviews.org/>.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

MELO, Zélia Maria de. **Os estigmas: a deterioração da identidade social**. Disponível em: <<http://proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/anaispdf/estigmas.pdf>> Acesso em: 24 maio de 2017.

MINAYO, M. C. S. Introdução. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 19-51.

MOTA, D. C. G. A., Benevides-Pereira, A. M. T., Gomes, M. L., & Araújo, S. M. (2006). **Estresse e resiliência**. Cidade de Lisboa. Editora Aletheia, 24, 57-68. Ano 2005.

NASCIMENTO, Rita de Cássia Souza. (2011). **Entre xingamentos e rejeições: um estudo da violência psicológica na relação entre professor e aluno com dificuldades de aprendizagem**. Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752012000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752012000100007) .Acessado em : 15/06/17

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso**. RS: Artmed, 1995.

RAMOS, Arthur. **Introdução à psicologia social**. 4. ed. Santa Catarina: UFSC, 2003.

ROSSETI-FERREIRA, M.C. **A primeira relação afetiva**. FFCLRP/USP: São Paulo: FFCLRP: Ribeirão Preto: USP, 2000.

SILVA, Maria José Albuquerque; BRANDIM, Maria Rejane Lima. **Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural**. Diversa: Ano I - nº 1: pg. 51-66: jan./jun. 2008.

SAVOIA, Mariângela Gentil. **Psicologia social**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

STREY, Marlene Neves (Org.). **Psicologia Social Contemporânea**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SYNDER C. R. & Lopez, Shane J. **Psicologia positiva**. Porto Alegre; Artmed, 2009

TAYLOR, Charles. **El multiculturalismo y la política del reconocimiento**. Mexico. Fondo de Cultura Económica, 1994.

VEIGA-NETO, A. **Incluir para excluir**. In: LARROSA, J.; SKILAR, C. Habitantes de babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VERGARA, Sylvia Constant.. **Métodos de pesquisa em administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

VIDEO. Video; **mais triste do mundo**. Acessado em: 14/03/17. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LLEQgmnQIG0>

VIDEO. Video; **uma lição de vida**. Acessado em: 14/03/17. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zzHdYEzlcJ0>.

VIDEO. Curta Metragem; **Ninguém é igual a ninguém**. Produzido pela EMEI João de Barro. Acessado em: 14/03/17. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cL95t8TiZlc>

VYGOTSTKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: USP, 1984.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE (A)



## Questionário

**IDADE:**                    **SEXO:**  FEMININO     MASCULINO  
**MORADOR:**  ZONA RURAL       ZONA URBANA

1 VOCÊ POSSUI ALGUM APELIDO UTILIZADO POR SEUS COLEGAS QUE NÃO SE SENTE CONFORTÁVEL QUANDO ESCUTA?

SIM       NÃO

1.1 SE SIM PORQUE DO DESCONFORTO?

2 VOCÊ ACHA **TODOS** OS SEUS COLEGAS "LEGAIS" ?

SIM       NÃO

2.1 SE TEM ALGUM QUE NÃO, QUAIS AS CARACTERÍSTICAS DELE QUE LHE INCOMODAM?

3 VOCÊ ACREDITA QUE TODOS OS ALUNOS DA SUA TURMA SÃO TRATADOS IGUALMENTE POR SEUS PROFESSORES?

SIM       NÃO

3.1 DESCREVA OS MOTIVOS PELOS QUAIS VOCÊ OPTOU POR SIM OU NÃO NA PERGUNTA ANTERIOR?

4 VOCÊ SE SENTE DIFERENTE OU EXCLUÍDO DO SEU GRUPO DE COLEGAS ? DESCREVA O QUE SENTE SOBRE ESTA QUESTÃO.

5. DESCREVA O QUE A SUA TURMA TEM DE MELHOR E PIOR?

**APÊNDICE (B)****Termo de consentimento livre e esclarecido**

Título do projeto: DAS PLURALIDADES AOS ESTIGMAS NO AMBIENTE ESCOLAR.

Pesquisadora responsável: Luana Ferreira Freitas

Instituição: Universidade Federal do Pampa – Unipampa

Telefone celular do pesquisador para contato (inclusive a cobrar): (53)999457589

**Prezado aluno (a):**

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, da pesquisa que trata da temática: Das pluralidades aos estigmas no ambiente escolar.

O objetivo desta pesquisa é mapear as possíveis rupturas das relações humanas no ambiente escolar derivadas das pluralidades das identidades dos alunos que transitam neste contexto.

Para a realização desta pesquisa trabalharemos com alunos do primeiro ano do ensino médio a aplicação de uma dinâmica de grupo e apresentação de áudio visuais que instigam o pensamento reflexivo sobre as práticas estigmatizadoras, seguidas de aplicação de um questionário que busca identificar se os mesmos percebem no seu grupo escolar algum tipo de prática excludente. Assim recolhendo e analisando dados. Informamos ainda que manteremos em sigilo os nomes dos sujeitos da pesquisa, preservando sua identidade pessoal e resguardando-os de danos morais e sociais que possam afetar sua imagem.

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também

poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Os resultados, informações e imagens poderão ser divulgados em publicações científicas através de artigos ou apresentações em eventos da área da educação. Os sujeitos da pesquisa estarão cientes dos resultados da investigação e dos estudos feitos durante a investigação.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine a declaração ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

### **DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU RESPONSÁVEL**

Eu, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo anteriormente especificado. Declaro que, de maneira clara e detalhada, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa. Esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste Termo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Autorizo (  ) Não autorizo (  ) a publicação de entrevista, informações e/ou imagens para serem utilizadas na pesquisa e apresentadas em instituições de ensino e eventos científicos.

Candiota, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável

Candiota, ..... de ..... de 2017



### **Carta de Solicitação de autorização para realização de pesquisa**

Ilmo. Sr (a)

Candiota, 05 de junho de 2017.

Eu, Luana Ferreira Freitas, estudante matriculado no Curso de Especialização em Educação e Ensino para a Diversidade Cultural realizado pela Universidade Federal do Pampa – Campus Bagé, sob a orientação da Profa. Dra. Francéli Brizolla , venho solicitar a V. Sa. a autorização para coleta de dados nessa instituição, com a finalidade de realizar a pesquisa Das pluralidades aos estigmas no ambiente escolar que tem por objetivo mapear as possíveis rupturas das relações humanas no ambiente escolar derivadas das pluralidades das identidades dos alunos do primeiro ano do ensino médio que transitam neste contexto.

Para a realização desta pesquisa trabalharemos com alunos do primeiro ano do ensino médio a aplicação de uma dinâmica de grupo e apresentação de áudio visuais que instigam o pensamento reflexivo sobre as práticas estigmatizadoras, seguidas de aplicação de um questionário que busca identificar se os alunos percebem no seu grupo escolar algum tipo de prática excludente.

As informações poderão ser divulgadas em publicações científicas através de artigos ou apresentações em eventos da área da educação. Sem mais para o momento, agradeço a atenção e colaboração para a conclusão desta importante etapa do curso de especialização.

Atenciosamente,

---

Luana Ferreira Freitas

Universidade Federal do Pampa – Campus Bagé



### Termo de autorização da instituição

#### AUTORIZAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável pela Escola Estadual de Ensino Médio Jerônimo Mércio da Silveira, autorizo a realização do estudo das pluralidades aos estigmas no ambiente escolar, a ser conduzido pelo pesquisadora Luana Ferreira Freitas. Afirmo que fui devidamente orientado sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Declaro que esta instituição está ciente da pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Candiota, 05 de junho de 2017.

---

Assinatura e carimbo do responsável institucional

**APÊNDICE (E)****Dinâmica do espelho**

O organizador da dinâmica deve ter em mente que é necessário ter um grupo de pessoas – de 10 a 30 – e que o tempo estimado para realizar a dinâmica é de cerca de 30 minutos. Para a dinâmica do espelho, o material usado é apenas uma caixa e um espelho.

Apenas com esses dois objetos a dinâmica é capaz de causar uma reflexão extraordinária em cada um dos participantes.

Mas antes de aplicar a dinâmica, é interessante que seja mencionado o objetivo da mesma. A fim de trabalhar mais as características pessoais e os traços da personalidade das pessoas, a dinâmica do espelho irá refletir a importância de cada pessoa presente.

**Refletindo**

A pessoa responsável por aplicar a dinâmica começará mostrando a caixa fechada e explicará que ali dentro tem uma foto de uma pessoa extremamente importante para aquele grupo.

O responsável também deve perguntar ao grupo se alguém ali conhece a dinâmica, caso exista alguém que já tenha participado da dinâmica, peça a essa pessoa que não revele e nem comente sobre o funcionamento da mesma. Infelizmente, a pessoa que já tiver participado, não poderá participar novamente.

Assim que a primeira pessoa for à frente para realizar a dinâmica, o responsável deverá solicitar que ela não revele o que está vendo (que no caso será ela mesma se refletindo no espelho).

O próximo passo seria solicitar que a pessoa olhe para dentro da caixa e comece a dizer quais são as características dessa pessoa de uma forma que o grupo consiga descobrir quem é o personagem. A dinâmica deve ser repetida com o restante do pessoal.

O responsável por aplicar a dinâmica deve escolher alguns voluntários ou quaisquer pessoas para participar da dinâmica. Após a escolha e a efetivação da atividade, é necessário que a seguinte pergunta seja feita: “Com base nas características ditas aqui, quem é a pessoa muito importante para o grupo?”.

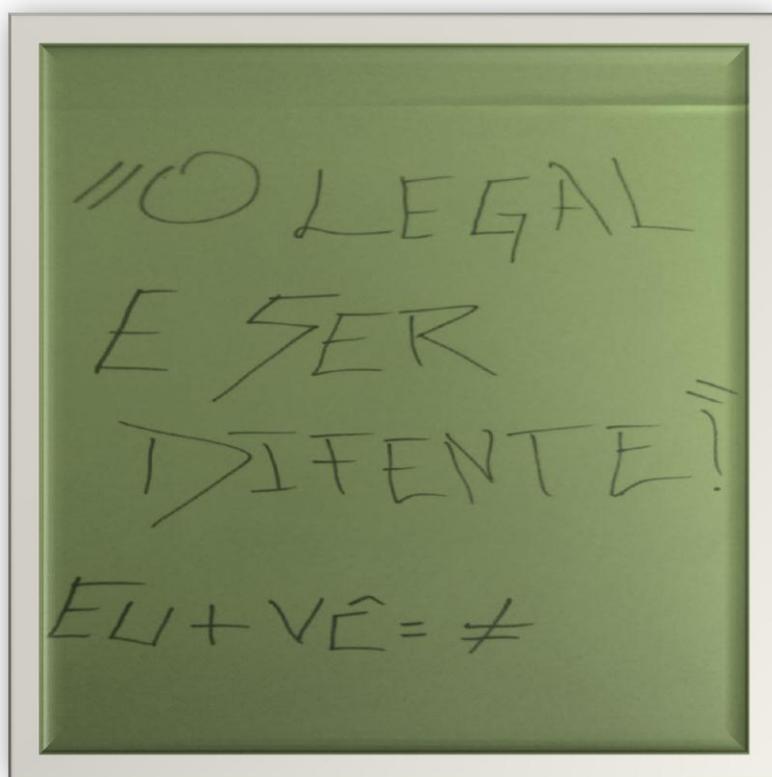
Mesmo havendo confusão por parte de algumas pessoas que certamente não conseguirão acompanhar a dinâmica, para revelar o segredo da caixa é preciso mostrar o espelho e mencionar as características que fazem referência a várias pessoas, e dizer que todas elas são importantes para o grupo.

Ao longo da dinâmica, a pessoa que está à frente e ocupando o espaço de quem precisa citar as suas próprias características, deve refletir e encontrar o que verdadeiramente ela representa, esse exercício fará com que ela pense um pouco sobre suas ações, seu comportamento, sua índole e tantas outras características que há muito tempo ela não observava.

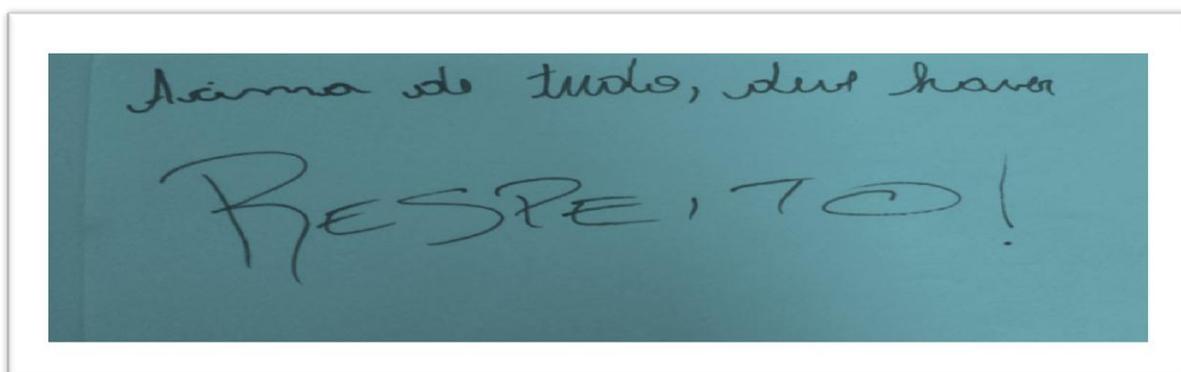
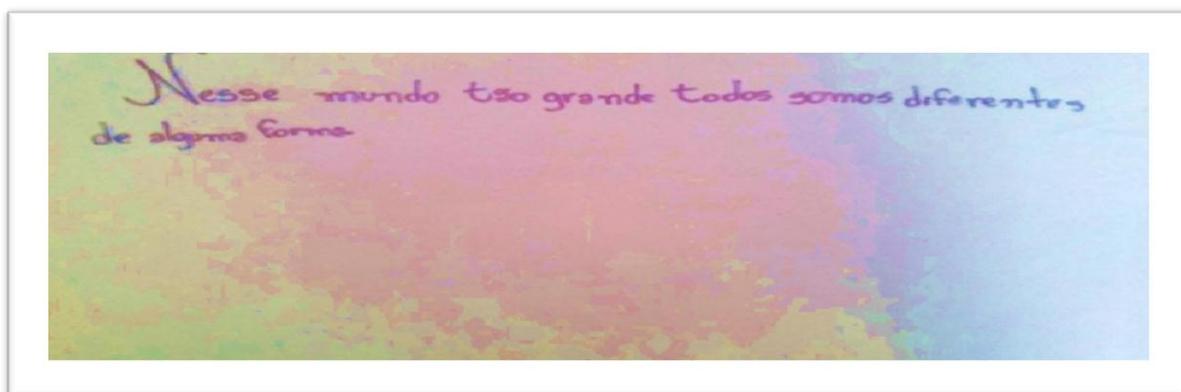
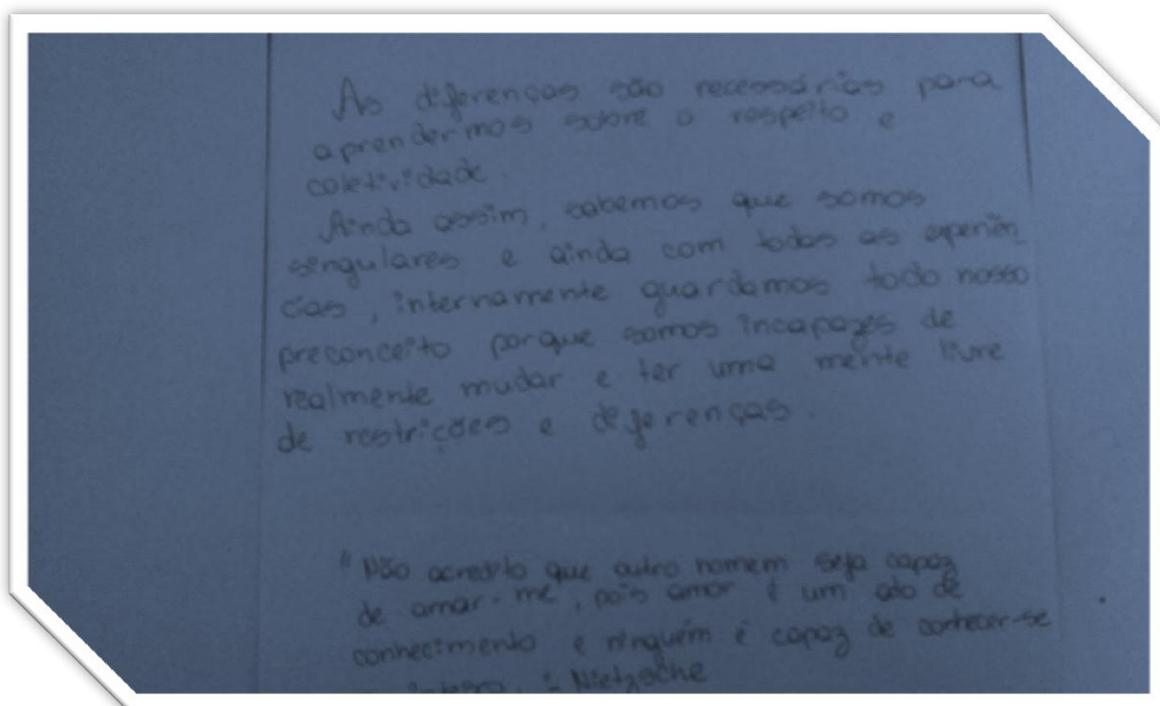
Ao final da dinâmica a pessoa em questão terá feito uma autoavaliação, que será útil para a sua evolução pessoal, além de conseguir mostrar às demais pessoas que cada uma delas tem o seu valor, independentemente da classe social, da cor de pele, do sexo, do cargo no trabalho e qualquer outra menção que demonstre status.

**ANEXOS**

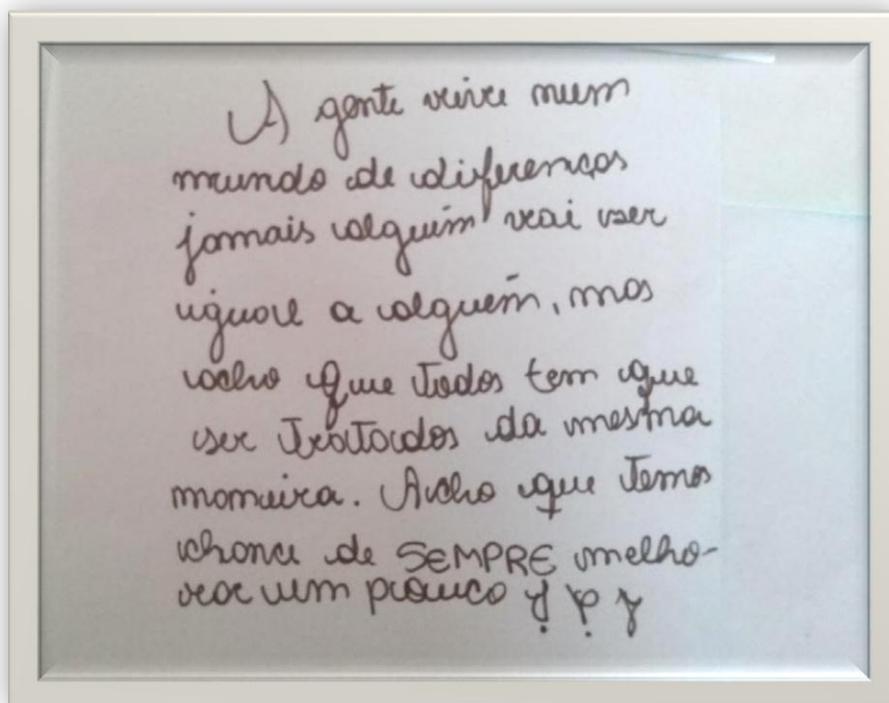
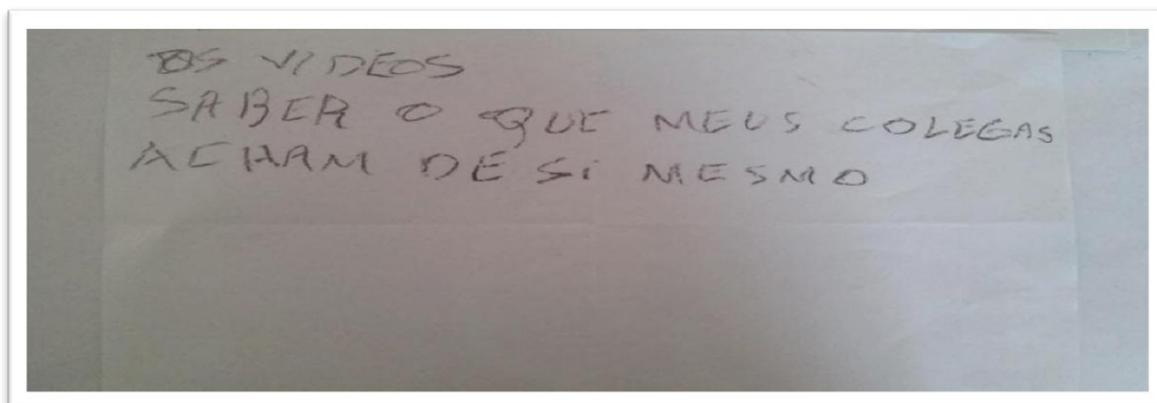
**ANEXO(A)- MENSAGENS DOS ALUNOS SOBRE AS ATIVIDADES DO  
DIA DA PESQUISA**



**ANEXO(B)- MENSAGENS DOS ALUNOS SOBRE AS ATIVIDADES DO  
DIA DA PESQUISA**



**ANEXO(C)- MENSAGENS DOS ALUNOS SOBRE AS ATIVIDADES DO  
DIA DA PESQUISA**



**ANEXO(D)- MENSAGENS DOS ALUNOS SOBRE AS ATIVIDADES DO  
DIA DA PESQUISA**

EU ACHO QUE AS PESSOAS OLHAM  
MUITO O EXTERIOR E NÃO SE IM-  
PORTAM COM O INTERIOR.  
TODOS OS VÍDEOS MOSTRARAM PESSO-  
AS QUE N̄ OLHAVAM O INTERIOR DA  
PESSOA E SE DERAM MAU, ACABA-  
RAM PERDENDO PESSOAS IMPORTAN-  
TES. ENTÃO NÃO FAÇA ISSO, SO-  
MOS TODOS IGUAIS E IMPORTAN-  
TES.

100°

100°

TODOS SÃO DIFERENTES, MAS DE UM MODO TO-  
DOS IGUAIS. NÃO PODEMOS NOS ACHAR MELHOR  
QUE ALGUÉM CRITICAR SEM CONHECER REA-  
LMENTE. ÀS VEZES FAZEMOS VÁRIAS  
CRÍTICAS, SEM PERCEBER O IMPACTO  
QUE PODE CAUSAR. ENTÃO TEMOS QUE  
TER EMPATIA E AJUDAR UNS AOS O-  
UTROS.

**ANEXO(E)- MENSAGENS DOS ALUNOS SOBRE AS ATIVIDADES DO  
DIA DA PESQUISA**

A DESIGUALDADE É GRANDE MAS  
TODOS Podem MUDAR SE  
TODOS SE AJUDAREM  
VIGA NÔZ A DESIGUALDADE

Percebi o quanto o homem no geral tem muita diversidade

Todos tem suas diferenças, e na maioria das vezes  
os demais julgam as pessoas por isso

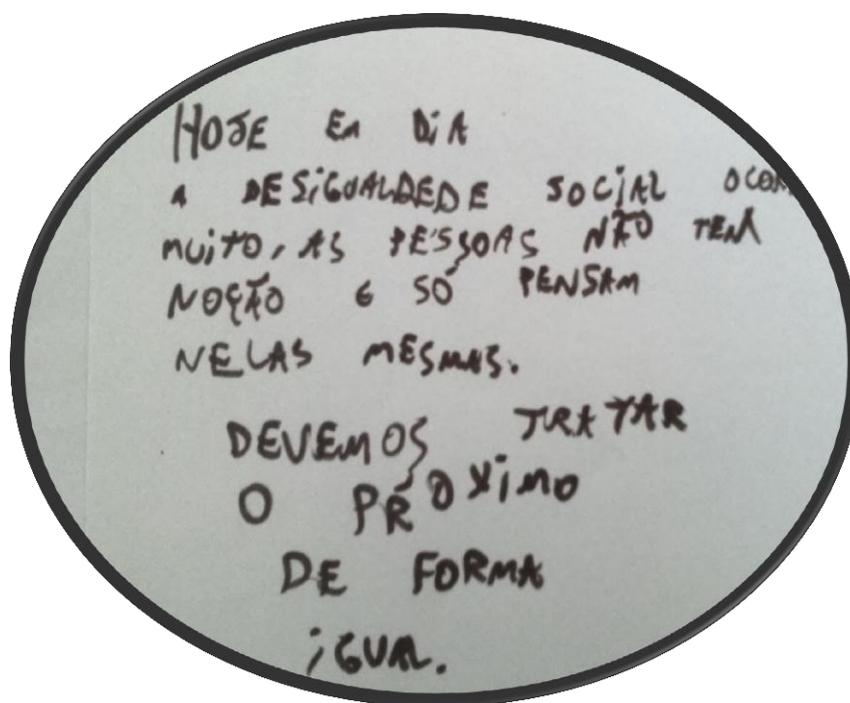
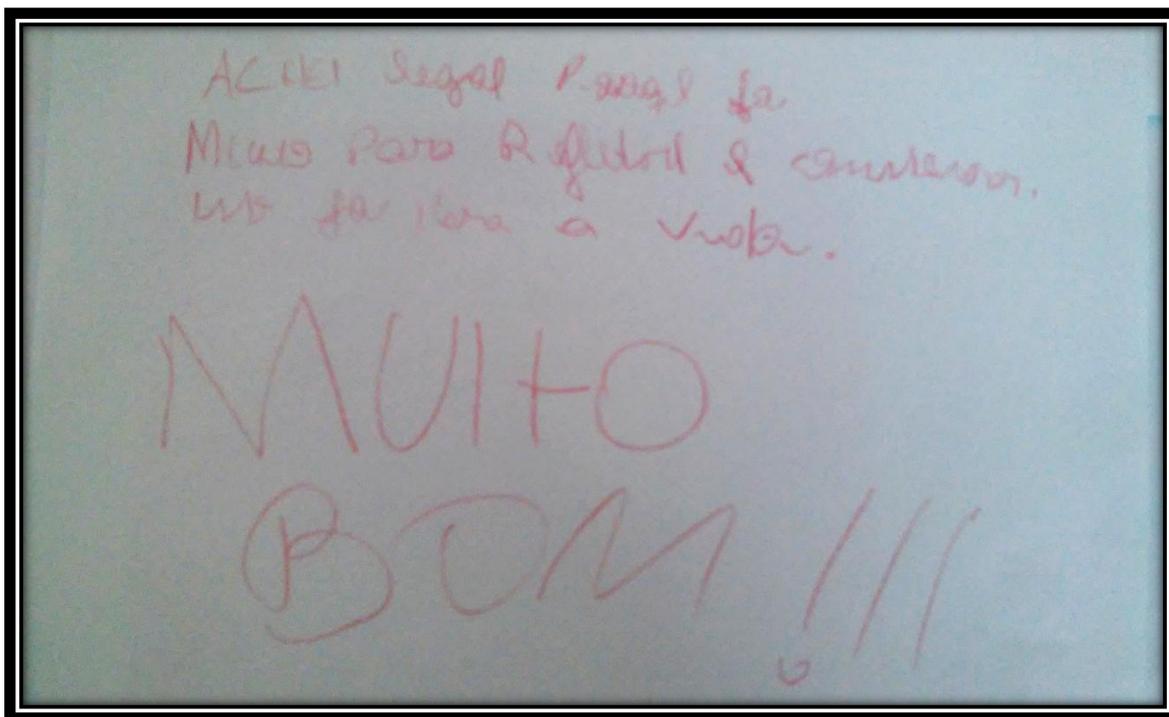
Ex: Diversidade de opiniões que el alguns cursos  
incorrem.

Militância LGBT

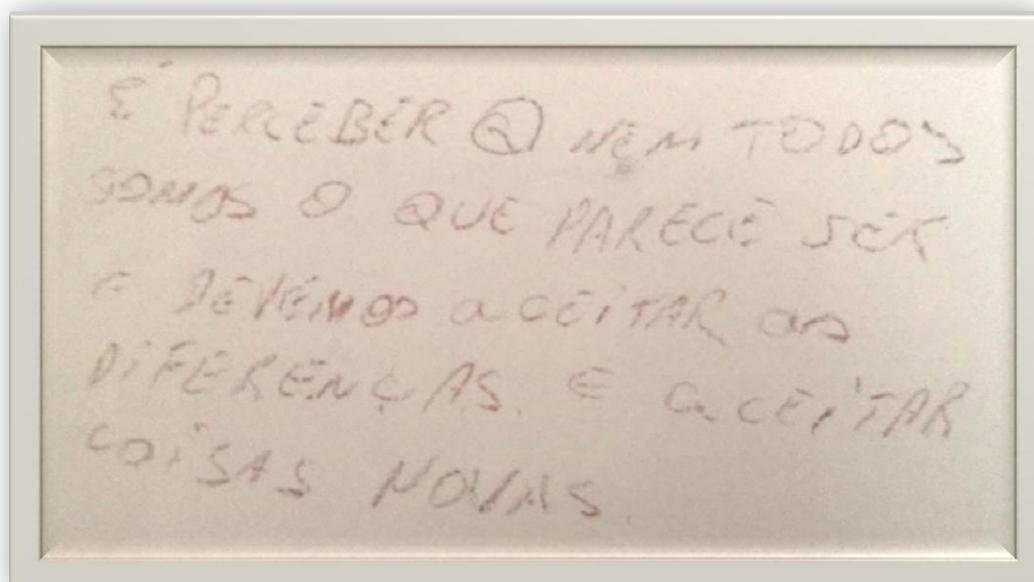
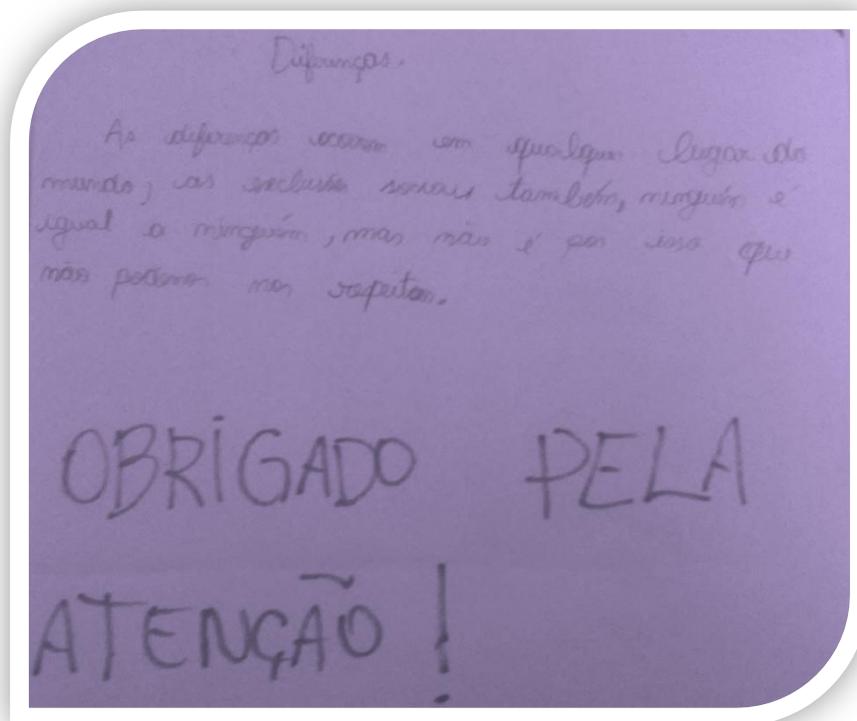
Feminismo

Movimento transgênero

ANEXO(F)- MENSAGENS DOS ALUNOS SOBRE AS ATIVIDADES DO  
DIA DA PESQUISA



**ANEXO(G)- MENSAGENS DOS ALUNOS SOBRE AS ATIVIDADES DO  
DIA DA PESQUISA**



**ANEXO(H)- MENSAGENS DOS ALUNOS SOBRE AS ATIVIDADES DO  
DIA DA PESQUISA**

Temos que Ter mais RESPEITO  
um pelo outro.

Precisamos respeitar o próximo!  
T.B

**ANEXO(I)- MENSAGENS DOS ALUNOS SOBRE AS ATIVIDADES DO  
DIA DA PESQUISA**

Que Apesar de sermos iguais  
Somos diferentes.

É que temos que respeitar todos  
Para nós sermos respeitados, É não  
interessa se alguém é diferente de  
nós temos que ama-lá e ~~resp~~ Respeitar  
TODOS!